



Serviço Público Federal
Ministério da Educação

Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



**FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS DE AQUIDAUANA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS CULTURAIS-PPGCULT**

MARY JUVENCIO MACEDO

**NARRATIVAS DOCENTES SOBRE A EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSIVA: DO
TRABALHO EDUCATIVO À PERCEPÇÃO DA SAÚDE MENTAL DOS PROFESSORES**

AQUIDAUANA/MS
SETEMBRO-2024

**FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS DE AQUIDAUANA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS CULTURAIS-PPGCULT**

**NARRATIVAS DOCENTES SOBRE A EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSIVA: DO
TRABALHO EDUCATIVO À PERCEPÇÃO DA SAÚDE MENTAL DOS
PROFESSORES**

MARY JUVENCIO MACEDO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, do Campus de Aquidauana, para a obtenção do título de Mestre em Estudos Culturais, sob a orientação da Prof. Dra. Helen Paola Vieira Bueno.

AQUIDAUANA/MS
SETEMBRO-2024

MARY JUVENCIO MACEDO

**NARRATIVAS DOCENTES SOBRE A EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSIVA: DO TRABALHO
EDUCATIVO À PERCEPÇÃO DA SAÚDE MENTAL DOS PROFESSORES**

BANCA EXAMINADORA

Dra. Helen Paola Vieira Bueno
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Campus de Aquidauana (UFMS/CPAQ)
Orientadora

Prof. Dra. Janete Rosa da Fonseca
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Campus de Aquidauana (UFMS/CPAQ)
Examinadora

Prof. Dra. Richéle Timm dos Passos da Silva
Universidade Federal de Pelotas (UFPel)
Examinadora

Aquidauana, MS, 27 de setembro de 2024.

DEDICATÓRIA

Dedico esta dissertação a todos os professores da Educação Especial e Inclusiva.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que realizou meu sonho de poder estar em um Programa de Mestrado, por me fortalecer e não me deixar desistir. Agradeço a Deus por inspirar pessoas a contribuírem comigo nessa jornada: família, amigos, colegas e desconhecidos me auxiliaram para a conclusão de cada etapa.

Gratidão ao Coordenador do Programa de Mestrado em Estudos Culturais, o Professor Dr. Miguel Rodrigues de Sousa Neto, por toda ajuda, esclarecimentos, disposição, atenção em me apoiar na minha trajetória acadêmica e como pesquisadora.

Ao Professor Dr. Aguinaldo Rodrigues Gomes, que compôs a banca de arguição na entrevista inicial de seleção e posteriormente foi meu professor na matéria denominada Teorias e Métodos em Estudos Culturais. Posso afirmar que a sua forma de ensinar, a sua dicção e os seus conteúdos didáticos são adoráveis.

Grata por ter como minha orientadora a querida Professora Dra. Helen Paola Vieira Bueno, que desde o início acreditou e aceitou o meu tema de pesquisa, por ter me ensinado a maneira correta de procurar por materiais e artigos científicos e por meu auxiliar como deveria ser a escrita em uma dissertação para o nível do Mestrado. Agradeço por toda paciência, ajuda e dedicação. E pelo melhor bolo de laranja que já comi na vida, em um dos nossos encontros, muito obrigada!

Ao meu esposo Anderson Tiburso, que me apoiou sempre, desde o começo, ele me ajudou com a nossa filha e com os afazeres da casa, nos meus horários de aula, e nos momentos em que eu precisava me ausentar, para fazer pesquisas, escritas e leituras. Quero lhe dizer que te amo muito e agradeço a Deus pelo marido, pai, amigo e companheiro que você é, e que sempre acredita em mim e no meu potencial.

Minha filha querida, quero dizer que você é a joia que Deus me deu, minha Manuella. A mamãe te agradece por todas as vezes que você quis o meu colo, mas soube esperar porque a mamãe estava na aula, ou trabalhando na pesquisa. Agradeço por você ser **ESPECIAL** como você é, minha inspiração deste trabalho. Eu escrevo agora pela ótica docente, quem sabe um dia poderemos escrever, sobre a ótica de uma mãe atípica? Te amo meu amor para sempre.

A minha amiga e colega do curso de Mestrado, Andreza Sales Ferreira, que sempre compartilhou comigo materiais, livros, artigos, troca de ideias e sugestões riquíssimas, ela como

professora e intérprete de libras que atua na sala de recursos, trouxe para mim muitas contribuições valiosas para agregar ao meu projeto.

A minha amiga Roselene Moura, aluna do curso de Mestrado, professora de artes muito talentosa. Eu agradeço pela sua amizade e pela troca de informações. Parabéns pela sua pesquisa sobre um tema interessantíssimo, sobre as mulheres.

A todos os professores que participaram da minha pesquisa de mestrado e que contribuíram com as informações levantadas nos questionários e pelo tempo cedido para tal.

E por fim, agradecer ao Programa de Pós-graduação em Estudos Culturais da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus Aquidauana, Brasil (UFMS/CPAQ/PPGCult). Agradeço a todos os professores do programa, a secretaria, aos meus colegas discentes e a todos os professores.

*“A inclusão acontece quando se
aprende com as diferenças e não
com igualdades.”*

(Paulo Freire)

RESUMO

A temática desta pesquisa foi se moldando através das inquietações, anseios pelo debate, e na busca por respostas acerca da profissão docente, mais especificamente da educação especial e inclusiva. O objetivo maior desse estudo, é descrever o cotidiano escolar, por meio de narrativas de professores que atuam na educação especial e analisar esses relatos com os autores dos estudos culturais. Buscou-se analisar as referências históricas e culturais do mundo do trabalho e do trabalho docente. Buscou-se também compreender como a identidade do professor da educação especial e inclusiva foi sendo construída, analisando as identidades de gênero na profissão docente. Através das narrativas dos profissionais da educação especial, sobre suas experiências, foi possível ter uma amostra dos desafios que enfrentam no dia a dia da escola, e quais ações utilizam para os enfrentamentos, levando-se em consideração o enorme esforço que fazem para adaptar os conteúdos e a rotina escolar, respeitando as limitações dos alunos. Foi realizada uma pesquisa qualitativa, exploratória-descritiva, de corte transversal. Os participantes, são 8 professores da Educação Especial que atuam no Estado de Mato Grosso do Sul, Brasil. Foi elaborado especialmente para esse estudo, um questionário semiestruturado com perguntas fechadas, de múltipla escolha ou de completar, que abrange diferentes esferas da vida e trabalho do professor. Os resultados apontaram que o professor de educação especial e inclusiva sofre de exaustão, por conta da alta demanda em preparar materiais didáticos, em trabalhos burocráticos, pela sobrecarga e superlotação de alunos, pela falta de mais professores com especialização em educação especial, e pela falta de tempo para conseguir cumprir com essas demandas, impactando diretamente na qualidade de vida desse professor. Os docentes relatam que consideram o cotidiano de trabalho estressante e desafiador, alguns já pensaram em desistir de suas funções e que investem do próprio salário para capacitação. Este estudo revelou a importância da construção de mais políticas públicas voltados a capacitação docente, de mais contratação de mão de obra especializada na área, a necessidade de mais investimentos em materiais e jogos pedagógicos e uma política de saúde mental voltadas a esses profissionais.

Palavras-chave: Profissão Docente. Narrativas. Educação Especial. Saúde Mental.

ABSTRACT

The theme of this research was shaped by concerns, desires for debate, and the search for answers about the teaching profession, more specifically special and inclusive education. The main objective of this study is to describe the daily school routine through the narratives of teachers who work in special education and to analyze these reports with the authors of cultural studies. The aim was to analyze the historical and cultural references of the world of work and teaching work. The aim was also to understand how the identity of the special and inclusive education teacher was constructed, analyzing gender identities in the teaching profession. Through the narratives of special education professionals about their experiences, it was possible to have a sample of the challenges they face in their daily school routine, and what actions they use to cope with them, taking into account the enormous effort they make to adapt the content and the school routine, respecting the limitations of the students. A qualitative, exploratory-descriptive, cross-sectional research was carried out. The participants were 8 Special Education teachers who work in the state of Mato Grosso do Sul, Brazil. A semi-structured questionnaire with closed, multiple-choice or fill-in-the-blank questions covering different areas of the teacher's life and work was specially prepared for this study. The results showed that special and inclusive education teachers suffer from exhaustion due to the high demand for preparing teaching materials, bureaucratic work, overload and overcrowding of students, the lack of more teachers with specialization in special education, and the lack of time to meet these demands, directly impacting the quality of life of these teachers. The teachers report that they find their daily work stressful and challenging; some have already considered giving up their jobs and that they invest their own salaries in training. This study revealed the importance of creating more public policies aimed at teacher training, hiring more specialized labor in the area, the need for more investment in teaching materials and games, and a mental health policy aimed at these professionals.

Keywords: Teaching Profession. Narratives. Special Education. Mental health.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1-	Interior de uma fábrica durante a Revolução Industrial	18
Figura 2-	Helena Antipoff com alunos do Instituto Superior de Educação Rural	24
Figura 3-	Meninas formam fila em escola de São Paulo	29
Figura 4-	O Brasil tem mais docentes mulheres do que homens	33
Figura 5-	Professores na Educação Infantil no Brasil	33
Figura 6-	Comparativo de salário dos professores.....	39

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AEE	Atendimento Educacional Especializado
AMA	Associação dos Amigos dos Autistas
APAEs	Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais
CPAQ	Campus de Aquidauana
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
INES	Instituto Educacional dos Surdos
LGBTQIA+	Lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, queer, intersexo, assexual, com um sinal “+” para designar demais orientações sexuais e identidades de gênero
MEC	Ministério da Educação e Cultura
PNE	Plano Nacional de Educação
PPGCult	Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TDAH	Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade
TOD	Transtorno Opositor Desafiador
TEA	Transtorno do Espectro Autista
TGD	Transtorno Global do Desenvolvimento
TPL	Transtorno de Personalidade Limítrofe
UFMS	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
REME	Rede Estadual de Ensino
SEMED	Secretaria Municipal de Ensino
SUS	Sistema Único de Saúde

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	13
2. DELINEAMENTO TEÓRICO	16
2.1 Análises históricas e culturais do mundo do trabalho	16
2.2 Profissão docente no contexto da educação especial: história, características e contemporaneidade	21
2.3 Identidade: relações de gênero e trabalho docente.....	28
2.4 Saúde mental do professor de educação especial e inclusiva: estresse ocupacional e síndrome de burnout	37
2.5 Da pedagogia crítica a sociedade do cansaço: relações entre educação e cultura....	42
3. PERCURSO METODOLÓGICO	47
3.1 Objetivo Geral	47
3.2 Objetivos Específicos	47
3.3 Tipo de Estudo	47
3.4 Participantes e Amostra	47
3.5 Instrumentos	47
3.6 Procedimentos	48
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	49
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	77
REFERÊNCIAS	79
APÊNDICE A	83

1. APRESENTAÇÃO

Desde pequena adorava ir para a escola, amava comprar materiais escolares e gostava de caprichar nos meus cadernos com desenhos, adesivos e cores, sempre que ganhava qualquer dinheiro dos meus pais, ia correndo para a papelaria e meus olhos brilhavam. Por ter mudado muito de casa e passado por várias cidades, ainda em idade escolar, tive que fazer a 4ª série duas vezes, nenhuma foi por repetir o ano, mas por não conseguir concluir o ano letivo.

Na segunda vez que cursei a 4ª série, no ano de 1998, eu estava com 13 anos e fui escolhida como líder de sala, porque já sabia toda a matéria e ajudava os meus colegas de classe. Todos os dias eu escrevia a matéria no quadro, ninguém entendia a letra da professora e todos os meus colegas pediam para que eu escrevesse no quadro. Nesses momentos, nasceu a minha admiração pela minha professora da época, a Cleide. Ela tornou-se minha madrinha na primeira eucaristia e me ingressou como catequista da paróquia na cidade em que eu morava.

Já adulta, eu queria fazer uma faculdade, então ingressei no curso de Pedagogia em 2012. Em 2014, passei no processo seletivo da prefeitura da cidade de Uberlândia, no estado de Minas Gerais, Brasil, e atuei todo o ano letivo como educadora infantil, numa turma com 25 alunos de 3 anos de idade.

Foi muito desafiador, vi de perto toda a dificuldade que o professor vivencia, como a confecção de material didático, muitas vezes reciclando materiais, lidando com salas de aula super lotadas de alunos e com poucas pessoas para auxiliar, problemas de convivência entre as equipes, onde muitos dos educadores concursados iam apenas para cumprir horários e sobrecarregavam os contratados com os serviços da rotina escolar, dificuldades com pais de alunos, entre outras situações vivenciadas no dia a dia escolar.

Nessa época, foi a primeira vez que tive contato mais de perto e constante com duas crianças com deficiência. Uma já tinha um diagnóstico e a outra criança, os pais não queriam aceitar a deficiência, porém a cada dia, víamos o atraso em seu desenvolvimento e a dificuldade de conviver com os demais alunos. Percebi algumas vezes as dificuldades do professor, em compreender e atender estes alunos e a demora em conseguir professores de apoio para atendimento especializado.

No final do ano letivo, fiz outro processo seletivo, fiquei bem colocada, porém haviam sancionado uma lei, que só poderia atuar como educadora infantil, quem tivesse o curso de magistério ou graduação concluída em Pedagogia, e eu ainda estava no 4º semestre. Fiquei

muito frustrada pois queria continuar, e no ano de 2015 mais uma vez tive que me mudar de cidade e precisei trancar a graduação que eu estava cursando.

Em 2017, retornei à graduação, consegui aproveitar algumas matérias, porém outras tive que refazer. Em 2020, consegui concluir a graduação e o tema do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) foi sobre Inclusão e Autismo. Esse tema sempre me chamou a atenção e eu já participava de eventos sobre educação especial.

E nesse meio tempo, em 2019, minha filha, minha princesa Manuella, chegou para completar a minha vida e a do meu marido. Desde muito pequena, eu sempre a observava, para ver como ela estava se desenvolvendo e acompanhando cada fase. Tudo parecia normal até quando ela completou 1 ano e 5 meses. Percebi que a fala não se desenvolveu, quando me dei conta percebi também que ela nunca havia dormido nenhuma noite inteira, acordava até 5 vezes na noite e chorava muito, ficava brava e batia a cabeça na parede, entre outros comportamentos atípicos.

Nessa época, eu e meu marido estávamos morando na França e resolvemos voltar ao Brasil. Procurávamos saber o que se passava com nossa filha e estando no Brasil, a minha filha com 3 anos de idade, recebemos o diagnóstico de autismo dela. Foi um abalo muito grande, mas a luta naquele momento era conseguir os tratamentos, as terapias e os acompanhamentos. Começava outra batalha, pois na rede pública de saúde, demora de meses a anos para se conseguir as consultas, e quando se consegue, somente algumas terapias. Os planos de saúde estão sobrecarregados e com muitos profissionais sem a devida experiência para lidar com esse diagnóstico. Os melhores médicos e terapeutas não estão aceitando mais convênio médico, pois atendem apenas no particular.

Este é só um resumo, de como surgiu o interesse para falar sobre este tema de pesquisa, primeiramente por ter trabalhado na educação infantil, com crianças com deficiência, e falar das dificuldades enfrentadas pelos profissionais da educação. E, além de sempre estudar sobre autismo e gostar da educação especial e inclusiva e pensar a respeito mesmo antes de ser mãe, e hoje como uma mãe atípica, vejo a importância e a relevância sobre este tema, de analisar sobre as várias narrativas diferentes e no caso dessa pesquisa, sobre a vivência docente, e como isso reflete na qualidade de vida do professor.

Desde então, estudo essa temática e me interesso por vários assuntos que a permeiam. Quando surgiu a oportunidade de me inscrever no Mestrado em Estudos Culturais, não tinha dúvidas, de esse era o assunto da minha pesquisa. Tive a oportunidade de pesquisá-lo ao longo

do Mestrado e todas aquelas minhas indagações, antes como professora e mãe, agora, como pesquisadora, se transformaram em perguntas de pesquisa.

Essa dissertação está dividida da seguinte maneira: A parte 1 desse estudo, apresenta, o tema e a justificativa desse estudo.

A parte 2 apresenta o Delineamento Teórico, com as seguintes seções: 2.1 Análises históricas e culturais do mundo do trabalho; 2.2 Profissão docente no contexto da educação especial: história, características e contemporaneidade; 2.3 Identidade, relações de gênero e trabalho docente; 2.4 Saúde mental do professor de educação especial e inclusiva: síndrome de burnout e estresse ocupacional; 2.5 Da pedagogia crítica a sociedade do cansaço: relações entre educação e cultura.

A parte 3 apresenta o percurso metodológico com as seguintes seções: 3.1 Objetivos geral; 3.2 Objetivos específicos; 3.3 Tipo de estudo; 3.4 Participantes e Amostra; 3.5 Instrumento; 3.6 Procedimentos. A parte 4 apresenta os resultados e discussão da pesquisa. A parte 5 apresenta as conclusões do estudos, seguida das partes referências e apêndice.

2. DELINEAMENTO TEÓRICO

2.1 Análises históricas e culturais do mundo do trabalho

Abordar o contexto atual do trabalho nos remete as grandes problemáticas do mundo globalizado, compreender os avanços, que trouxe para toda a sociedade, diversas contribuições nas questões de desenvolvimento e novas tecnologias. Segundo Ávila (2016, p.2), é essencial compreender o contexto entre o trabalho e a educação, as formas de organização, de produtividade, consequentemente moldando as relações sociais e a necessidade da implementação de novas políticas educacionais.

Porém, analisando por outra vertente, no lado negativo do trabalho temos a globalização, agravamento nas condições de trabalho, o surgimento de várias patologias, na desvalorização da mão de obra e a precarização do trabalho, gerando uma crise econômica, social e psicológica em diversos grupos da sociedade. Como nos demonstra Byung-Chul Han, (2017, p. 35) quando ele fala sobre “a mudança de paradigma da sociedade disciplinar para a sociedade do desempenho”.

Para Antunes (2006, p. 123), o trabalho é um ato social, a ação da produção e reprodução caracteriza o ser social. O trabalho em equipe gera essa cooperação social colaborando no processo da produção industrial. Para se compreender as inquietações da sociedade, e das formas de estruturas e suas concepções ideológicas.

Segundo Fontana (2021, p.1157), um breve resumo de como o trabalho foi se modificando durante vários períodos da história. Desde a pré-história o homem primitivo, para a sua sobrevivência, precisava ir atrás do seu alimento, e para isso utilizou-se dos recursos naturais como pau e pedra, para criar ferramentas que lhe ajudassem a caçar.

O período paleolítico, que teve uma longa duração, conhecido também como “pedra lascada”. Seu período foi no ano 10 mil a.C., e teve como característica, pela realização de pequenas ferramentas obtidas pela quebra de pedras, assim com as lascas, resultante da quebra de certas pedras originavam esses artefatos, armas e ferramentas para o auxílio do trabalho.

Tornando essa ocupação em trabalho, para suprir suas necessidades básicas como por exemplo, alimentar-se e abrigar-se, todos tinham um papel igualitário como descreve Kupper, (2014, p. 166,167). Conforme foi evoluindo as formas de produção como na agricultura onde se produzia mais quantidades e se estocavam alimentos, as relações sociais iam se moldando, surgiam a hierarquização da sociedade onde alguns já detinham de um poder e autonomia e

outros se tornando subordinados.

Com o surgimento de algumas nações, houve a divisão nas categorias de trabalho como por exemplo: os escravos, os servos e os trabalhadores livres, a seguir um breve resumo dessas categorias. Os escravos eram pessoas capturadas, feitos prisioneiros e levados para o trabalho sendo submissos as ordens, e sem qualquer tipo de direitos, realizando serviços pesados. Fontana (2021, p.1159) fala do uso da mão de obra escrava, desempenhava diversos trabalhos, e contribuiu para a visão do trabalho como algo penoso, de escravos, de pobres, ou trabalhos realizados, apenas por um grupo, determinando seguimento social.

A escravidão parece na Grécia como instituição social. Segundo Aristóteles, o fundamento da escravidão era a diferença das raças. O meio de conseguir escravos era fazer prisioneiros de guerra: a pirataria, as corridas sobre os mares do Sul davam-lhes grande soma de cativos (Lobato, 2002, p. 19).

Para Fontana (2021, p. 1159-1160), a prestação de serviço foi caracterizada pela servidão onde persiste o trabalho escravo, continuando a ser obrigatório e refém de penalidades e castigo. O senhor feudal sedia as terras para os seus servos cultivarem e pagarem autos tributos aos donos das terras, assim os servos sempre ficariam devendo aos feudais. Com a expansão dos feudos e o surgimento de novas cidades dando início ao mercantilismo e ao sistema capitalista.

Para Kupper (2017, p.168) a classe de trabalhadores livres, os comerciantes e donos de pequenas terras e prestadores de serviços que pagavam autos impostos ao Estado, sempre existiu essa classificação de mão de obra desde a Idade Antiga e a Idade Média. Com o crescimento do comércio e o surgimento de grandes cidades, foi se modificando o contexto do trabalho dando ênfase a trabalhos manuais, assim recebiam pela venda de seus produtos ou serviços na Idade Moderna, e edificando 3 estágios da economia e o desenvolvimento do capitalismo mercantil ou comercial, capitalismo industrial e o capitalismo financeiro.

Segundo Santos e Araújo (2016, p. 37), a Revolução Industrial no século XVIII com o surgimento das fábricas e indústrias e de novas tecnologias houve uma grande necessidade de mão de obra, e com o êxodo rural o trabalhador deixou o campo e migrou para as cidades, oferecendo sua mão de obra em troca de um salário fixo, uma jornada longa, várias horas de trabalho e baixos salários.

Ainda Santos e Araújo (2016, p. 37), a Revolução trouxe grandes transformações no modelo de trabalho e mão de obra. A substituição do trabalho manual, em troca de novas tecnologias que colaborassem para o processo de produção e industrialização, a troca da força

de trabalho artesanal (manufatura), pela motriz como por exemplo: hidráulica, eólica, a vapor, e etc., (maquinofatura).

Figura 1 - Interior de uma fábrica durante a Revolução Industrial



Fonte: <https://www.cesadufs.com.br>

A burguesia possuidora de um enorme poder econômico, enquanto a classe operária era explorada, e logo depois da invenção da máquina à vapor, onde a produção passava ser mais rápida, assim não necessitando de tantas pessoas para o seu manuseio, produzia muito e em menor tempo, dificultando a vida dos operários com o número crescente de desempregados a cada dia.

Para compreender as mudanças no trabalho que culminaram em um novo modelo de sociedade, vale ressaltar as inovações tecnológicas do período também entendidas como a interação da humanidade com ferramentas que irão acelerar os processos produtivos, o que mais tarde será assumido na digitalização de atividades e nas ações remotas mediadas pela técnica (Fontana, 2021, p. 1160).

É importante destacar as doutrinas políticas para a administração e reorganização da sociedade de forma econômica, ideológica política e social, o capitalismo onde visa a propriedade privada, como por exemplo a indústria visa o lucro e a separação de classes, já o socialismo que pretende acabar com a desigualdade econômica social dando maior autonomia ao Estado na distribuição igualitária de recurso a todos da sociedade.

Como De Masi (2003, p. 63), descreve nesse período houve uma defasagem da cultura, uma vez que com o avanço das transformações no campo industrial aconteciam de forma

rápida, a transmissão de informações e na absolvição de ideias, assim difundindo os pensamentos anteriormente adquiridos culturalmente, perdendo parte de sua história e personalidade como cultura, enfrentando problemas em compreender processos do passado e presente, e um futuro incerto.

Segundo Antunes (2006, p.37), depois da crise do Fordismo que era um modelo de trabalho utilizado nas décadas de 50 60 e 70 onde a alta produção em massa, passou por uma crise, o mercado estagnou suas vendas, produtos eram fabricados e feitos para durar muito tempo, com isso se deu ao alto acúmulo de produtos, veio junto com outras crises, com a do petróleo e a pressão dos sindicatos trabalhistas por melhores condições de trabalho. Então o modelo Toyotismo conhecido também como acumulação flexível, foi instalado para trazer mais flexibilidade ao modelo de produção, era fabricado de acordo com a necessidade e demanda do mercado, produtos diversificados, outro diferencial do modelo anterior.

Se essas experiências da acumulação flexível, a partir da experiência da “Terceira Itália” e de outras regiões, como a Suécia trouxeram tantas consequências, em tantas direções, foi, entretanto, o toyotismo ou o modelo japonês, que maior impacto tem causado, tanto pela revolução técnica que operou na indústria japonesa, quanto pela potencialidade de propagação que alguns dos pontos básicos do toyotismo têm demonstrado, expansão que hoje atinge uma escala mundial (Antunes, 2006, p 31).

Segundo Singer (1998, p.11), essas transformações na escala de produção, continuou com as problemáticas no contexto do proletariado, a precarização estrutural do trabalho em escala global, além das questões de desenvolvimento tecnológico, as abordagens idealistas como apresenta e defende que quando se pensa só no acúmulo do capital, gera uma outra crise o desemprego. Uma perspectiva que diz, ao assalariado é caracterizador por ter um emprego.

Ainda Singer (1998, p.11) faz críticas dizendo, que a linguagem utilizada é enganadora, quando se refere ao que diz “oferta de emprego”, como se fosse uma vantagem apenas ao empregado, assim endossando o ato de “caridade” feita pelo empregador, sendo que por sua vez, o empregado vende sua força de trabalho, favorecendo a indústria na capacidade de produzir.

Dentro do contexto da precarização do trabalho, ocorre uma flexibilização dos direitos trabalhista para o favorecimento da capitalização das indústrias e o mercado de trabalho, onde compromete a estabilidade dos profissionais, que foram substituídos muitas vezes por trabalhadores sazonais e mulheres, assalariados com remunerações baixíssimas, com longas jornadas de trabalho (Singer, 1998, p.11).

Trazendo para o contexto dos dias atuais podemos citar também os profissionais autônomos, que não possuem garantias dos direitos trabalhistas como no caso dos ambulantes e comerciantes de rua, contribuição da globalização em unificar toda a estratégia econômica política e cultural facilitou o acesso e a troca de informações e recursos pelo mundo, tudo isto é fato, mais não podemos deixar de destacar o quanto as exigências por este novo modelo tem causado uma exclusão social, como o crescente número de desempregados.

Segundo Singer (1998, p. 29) a globalização causou o desemprego estrutural, que é aquele que não traz contribuições estruturais, já analisando os avanços tecnológicos, ele não interfere diretamente no aumento do número de desempregados, mais colabora no desempenho da capacidade de produzir.

A precarização do trabalho inclui tanto a exclusão de uma crescente massa de trabalhadores do gozo de seus direitos legais como a consolidação de um ponderável exército de reserva e o agravamento de suas condições. Pode-se falar em consolidação porque depois que as taxas de desemprego subiram acentuada mente, entre a recessão provocada pelo primeiro choque do petróleo em 1974-75 e a provocada pelo segundo choque em 1980-82 (Singer, 1998, p. 29).

Na vida social do cidadão que trabalha não só mais pela sua sobrevivência, porém para manter ou estabelecer padrões de vida ditados pela sociedade e pelos vários meios de comunicação. E sobre as questões de saúde estão sendo levadas em consideração? As doenças que estão surgindo ao longo da história, devido as cobranças do mercado de trabalho, com mais exigência a cada dia, como capacitações, a concorrência e o aumento da responsabilidade e cobrança, para cada vez mais entregar maiores resultados?

Nesse processo o surgimento das doenças físicas ou doenças psicológicas, de acordo com De Masi (2003), as situações desgastantes na sociedade pós-industrial, cita por exemplo alguns empresários que se aproveitam do aumento do desemprego e continuam com cargas horárias extremas e a falta de melhores condições de trabalhos, salários e cargos.

Supondo que também nas empresas italianas aconteça algo do gênero, entrevistei centenas de funcionários que geralmente lamentam. a carga de trabalho estressante, longas horas extras não remunerada, a necessidade profissional de sacrificar o tempo livre à carreira, negligenciando lazer, amores e família (De Masi, 2003, p. 28).

Não é a intenção deste trabalho aprofundar-se no estudo da história do trabalho, porém trazer esses dados resumidamente nos permite compreender o cenário do mundo do trabalho e suas transformações, os termos trabalho e educação estão intrínsecos, desde a Pré-história, pois para exercer o trabalho, precisa ensinar e aprender, passando de geração para geração.

Situações de conflito onde a escola é vista pela sociedade como “salvacionista” que irá solucionar as questões, na preparação dos discentes para sua inclusão e participação efetiva no mercado de trabalho. Por outro lado, o desgaste dos docentes, alta exigência e expectativa, incapaz de cumprir com os interesses do sistema econômico (Ávila, 2016, p.1).

As transformações ocorridas no mundo do trabalho, a partir de novas formas do homem organizar a produção de sua existência, tem um impacto direto nas instituições sociais, principalmente na família e na escola. Na educação formal, educadores e educandos vivem diretamente os resultados, geralmente conflituosos, da implantação de políticas educacionais formuladas de acordo com as novas demandas criadas pelas mudanças no mundo do trabalho. De um lado vemos a versão da educação salvacionista como fator por excelência para a inclusão e participação social. De outro vemos a descrença em uma educação, incapaz de superar os interesses do capital, em relação à exploração e exclusão. Conhecer o processo pelo qual o homem organizou sua produção e existência, sua forma de pensar e ser em diferentes tempos, nos ajudará a entender melhor, no contexto atual, as relações e valores que permeiam o modo de produzir e as políticas educacionais (Ávila, 2016, p. 1).

Entender o processo histórico e cultural do contexto do trabalho, nos permite, uma “visão” e compreender as problemáticas, como o cenário do proletariado ao longo da história vem enfrentando várias adversidades. E na área docente também sempre sofreu e sofre essas transformações, principalmente na educação especial e inclusiva. É importante também buscar estas referências culturais e históricas, de como a educação de pessoas com deficiência ao longo tempo teve suas modificações, para que possamos nesta pesquisa entender o contexto do trabalho docente e suas dificuldades.

2.2 Profissão docente no contexto da educação especial: história, características e contemporaneidade

Falar sobre o cotidiano escolar nos remete as várias questões pertinentes e desafiadoras, que a classe docente enfrenta em sua rotina profissional, e se tratando da educação especial torna-se maior os desafios enfrentados. Para analisarmos esse contexto faremos um breve resumo histórico.

Por várias décadas, as pessoas com deficiência, tratadas subalternamente, não tinham oportunidades ou sequer eram ouvidas, consideradas inexistentes pela sociedade, vistas como pessoas doentes incapazes de se desenvolverem, inúteis para exercer seu papel dentro da sociedade, pessoas que não tinham uma história de vida, muitas vezes viviam presas em

associações ou em casa.

Segundo Gurgel (2016, p.46), o preconceito sempre foi muito evidente e a imagem ou ideia distorcida, que colaboraram para uma visão discriminatória, como na antiga Grécia, onde era cultuado o corpo, beleza e força física, e o que era diferente disso ou do esperado seria rejeitado. Se nascessem pessoas com alguma deficiência eram descartadas, encaradas como um empecilho à sociedade.

Segundo Monteiro et al., (2016, p. 222), em Roma as leis desfavoreciam as pessoas com deficiência, sem opção e nem apoio, os pais tanto os nobres como os plebeus, tinham o poder de matar as crianças que nasciam com alguma deformidade, seja deficiência física ou mental, outros pais abandonavam seus filhos em cestos nos rios ou em outros lugares se sobrevivessem era usado para pedir esmolas ou faziam parte de espetáculos de entretenimento por causa de suas condições físicas ou mentais.

Acreditavam que era um castigo divino, o nascimento de pessoas com deficiência. “Sabe-se que em Esparta as pessoas nascidas com qualquer deficiência eram eliminadas. Os romanos abandonavam suas crianças deformadas e seus filhos excedentes” (Gugel, 2016, p. 47).

Para Monteiro et al., (2016, p. 223), com o fortalecimento do Cristianismo, surgiu uma compreensão mais espiritual, entendendo que pessoas com deficiências eram vistos como filhos de Deus e pessoas com alma, tendo uma visão mais fraterna e que não os levassem a morte. Por outro lado, ainda eram excluídos, alguns a nobreza, se apoderavam, o clero também, abrigavam aqueles que tinham alguma serventia, os demais eram abandonados nas ruas tornando-os mendigos, era usado para pedir esmolas ou faziam parte dos espetáculos de entretenimento por causa de suas condições físicas ou mentais.

Na idade Moderna, uma visão de que as pessoas com deficiência são pessoas doentes, e que precisavam da medicina. Posteriormente a Revolução Francesa, trouxe uma nova perspectiva.

No século XVI com a chegada da Revolução Francesa, onde os valores como Igualdade, Fraternidade e Liberdade, a deficiência passa a ser vista como um distúrbio metálico, que pode ser tratado e é neste século que surge os hospitais psiquiátricos para o tratamento das pessoas portadoras de deficiência mental (Monteiro et al., 2016, p. 224).

Não havia um atendimento especializado, para oportunizar o desenvolvimento físico e

cognitivo, até que depois de muito sofrimento lutas e reivindicações, surgiam aos poucos algumas instituições que oferecessem condições de uma educação formal ajudando na estimulação e no desenvolvimento com métodos mais eficientes. Para Santos, Gonçalves e Mantovani (2015, p.4), em 1960 surgiu o movimento pela luta por direitos, e a ideia de que, se necessitava de uma educação para pessoas com deficiência no Brasil. Com a lei nº 4024/61 de 1961, seria o começo de uma abordagem dentro da constituição, para o direito garantindo que todos e quaisquer cidadãos tenha direito a educação, para que houvesse a inclusão nos espaços escolares.

Em 1971, a Lei Educacional no 5.692 define em seu artigo 9º como população alvo da Educação Especial: “alunos que apresentem deficiências físicas ou mentais, os que se encontram em atraso considerável quando à idade regular de matrícula e os superdotados” (Santos, Gonçalves, Mantovani, 2015, p. 4).

A diversidade nos grupos historicamente excluídos pela sociedade, promove a experiência através da convivência, para a compreensão da dinâmica, do que é visto como “diferente”. A inclusão de pessoas com deficiência humaniza, não somente essas pessoas, mais sim toda a sociedade para que possam aceitar e acolher, compreendendo as especificidades da pessoa com deficiência, e a própria evolução da sociedade.

Assim, quando privamos os alunos de conviverem com outras crianças com dificuldades visuais, motoras, auditivas, intelectuais ou com outras diferenças marcantes tais como classe social, lugar de origem, religião, opção sexual etc., falhamos na sua formação, porque, quando adultas, talvez terão menor facilidade de lidar com essas mesmas pessoas (Nunes, Saia, Tavares, 2015, p.1117).

Não havia um atendimento especializado, para melhorar o desenvolvimento físico e cognitivo, até que depois de muito sofrimento lutas e reivindicações, surgiam aos poucos algumas instituições que oferecessem condições de uma educação formal ajudando na estimulação e no desenvolvimento com métodos mais eficientes. Para Santos, Gonçalves e Mantovani (2015, p.4), em 1960 surgiu o movimento pela luta por direitos, e a ideia de que, se necessitava de uma educação para pessoas com deficiência no Brasil. Com a lei nº 4024/61 de 1961, seria o começo de uma abordagem dentro da constituição, para o direito garantindo que

todos e quaisquer cidadãos tenha direito a educação, para que houvesse a inclusão nos espaços escolares.

Em 1971, a Lei Educacional no 5.692 define em seu artigo 9º como população alvo da Educação Especial: “alunos que apresentem deficiências físicas ou mentais, os que se encontram em atraso considerável quando à idade regular de matrícula e os superdotados” (Santos, Gonçalves, Mantovani, 2015, p. 4).

Segundo Santos, Gonçalves e Mantovani (2015, p.3) no século XIX deu início a criação das primeiras instituições para pessoas com deficiência. A instituição dos meninos surdos 1857, e a instituição dos meninos cegos em 1852, que primeiramente era conhecido como instituto dos meninos cegos no Brasil e depois chamado de Instituto Benjamim Constant, assim possibilitando o acesso de pessoas com deficiência visual na sociedade. Já em 1856 foi criado o INES- Instituto Educacional dos Surdos, foi a primeira escola para surdos, antes de sua existência a sociedade via o surdo como doente incapaz e sem inteligência, um ser sem capacidade de aprender e se desenvolver.

Ainda conforme diz Santos, Gonçalves e Mantovani (2015, p. 2), foi inaugurada 1934 a primeira escola no Brasil o Instituto Pestalozzi, fundado por Thiago M. Wurt, e que teve a influência da educadora russa Helena Antipoff e a participação das autoridades políticas, abrangendo o caráter filantrópico, ela era responsável pelo ensino e aprendizagem, para o desenvolvimento e estimulação de pessoas com deficiência, nas esferas: educacional, social, terapêutica e médica.

Figura 2: Helena Antipoff com alunos do Instituto Superior de Educação Rural.



Fonte: Instituto Pestalozzi.

Uma outra instituição que foi fundada mais recentemente, em 1954 APAEs -

Associação de Pais e amigos dos Excepcionais, criada a partir de uma inspiração de escolas americanas que atendia pessoas com deficiência. As autoridades governamentais não davam nenhum tipo de apoio para estas pessoas, por isso ela foi instaurada no Brasil (Monteiro, 2016, p. 225).

Já na década de 70 por um atendimento à pessoa com deficiência mental organizou-se por meio de propostas curriculares documentos como CENEESP/MEC, 1979, 1984, 1986 dando ênfase na classe comum com apoio de salas e recursos, para essa área de deficiência, observando-se as orientações organizacionais dos serviços especializados à Política Nacional de Educação Especial. Os serviços educacionais MEC/SEESPE ao deficiente mental prevalecem mais ou menos com o mesmo enfoque, percebendo-se a predominância em classes comuns, com e sem apoio de salas de recursos (Monteiro, 2016, p. 225).

Conforme descreve Sasaki (2007, p. 6), em 1981 se tornou o ano internacional das pessoas com deficiência, que teve uma grande repercussão em nível mundial, chamando a atenção de toda sociedade para que as reivindicações fossem compreendidas dando autonomia a pessoas portadoras de deficiências, teve outros encontros e movimentos importantes que ajudaram na evolução deste cenário. Segundo Oliveira et al., (2017, p.709), no ano de 1983 surge a primeira associação para autista a Associação dos Amigos dos Autistas (AMA) na cidade de São Paulo, porém ainda não tinham informações suficientes sobre o autismo. Surgiram diversas associações, ao longo das décadas seguintes.

Segundo Santos, Gonçalves e Mantovani (2015, p. 2), a Constituição Federal de 1988, por influência política encerra nos seus artigos, leis que, garantam os direitos de pessoas portadoras de deficiências. O que podemos observar que durante a história das pessoas com deficiências, houve grandes mudanças e transformações bem significantes, porém ainda existia um olhar de preconceito e rejeição, por conta da condição de cada pessoa com deficiência, a acessibilidade na vida social encontrava barreiras, seja da exclusão, seja a falta de informação ou de preparo para acolher e receber pessoas com deficiência.

Vejamos o que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), a lei nº 9.394/96 mais precisamente em seu art.º 59 fala sobre o direito à Educação Especial para alunos com deficiência. A garantia do ensino a alunos com deficiência, como: transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades e superdotação (Lei nº 12.796, de 2013). No inciso I fala sobre as metodologias, currículos e recursos educativos para atender as necessidades de cada aluno. Inciso II Assegura a conclusão para aqueles que não atingiram o nível exigido para a

finalização do ensino fundamental, em decorrência das dificuldades, também a conclusão em menor tempo para as crianças com superdotação.

Em seu inciso III a formação para professores no atendimento especializado, aos alunos com deficiência, como também a capacitação do professor do ensino regular, para o trabalho em equipe com todo o corpo docente. O inciso IV fala sobre o ensino visando o mercado de trabalho, na integração na vida em sociedade, proporcionando as condições adequadas para sua inclusão no trabalho, contando com medidas de órgãos oficiais e instituições, e a inserção dos superdotados e altas habilidades, na área intelectual artística e psicomotora. E o Inciso V integração igualitária para os beneficiários de programas sociais existentes respeitando o nível de instrução.

Analisar e discutir sobre políticas educacionais, sempre foi de grande relevância assim para a implementação de currículos, para o aluno com deficiência, no cronograma e no planejamento dos conteúdos metodológico, como nos apresenta Garcia (2006, p.314). “As reflexões aqui apresentadas acerca das políticas educacionais perseguem uma perspectiva de produção de experiências escolares que levem em consideração a singularidade dos indivíduos, as diferenças concretas constituintes do ser humano.”

Dessa forma, é necessário refletir acerca da formação dos professores principalmente na dimensão curricular, para que lhes sejam significativas as práticas e ações que possibilitem aos alunos, independentemente de suas necessidades, participarem das atividades cotidianas da classe regular e terem acesso ao conhecimento historicamente acumulado pela humanidade (Magalhães; Albino, 2016, p.41).

Sobre a formação inicial e continuada do professor da Educação Especial, onde seja garantido, ensino e aprendizagem de acordo com as necessidade e especificidades de cada aluno, e que esse conhecimento e habilidade, cada vez se faz mais necessário, um conjunto de conhecimentos e estratégias que deverá ser utilizado para efetivar o ensino do aluno com deficiência, e ocorra de fato a inclusão. Por isso se pensar no curso de formação para este professor desde a graduação e depois em suas especializações, é de extrema importância avaliar a qualidade do ensino para professores da Educação Especial e Inclusiva (Rodrigues e Sales, 2024, p.7).

Porém há sempre retrocessos, lógico que se comparado ao cenário da antiguidade temos que considerar as evoluções conquistadas, mais não é o suficiente, a idealização da “Inclusão” e suas propostas dentro dos discursos parece ter encontrado toda a solução para que não haja a

“Exclusão” mais segundo Skliar (2003, p.161), chama atenção para que o nome “Inclusão” onde é muito utilizado, não ocorre essa inserção do aluno com deficiência, onde pouco se usa a palavra “inclusão” é onde de que fato acontece.

E nessa infiltração há uma aliança a ser desvelada: a da pedagogia correlativa com a medicalização ou, se preferível, a da hegemonia do modelo da deficiência na educação especial. A partir dessa aliança os esforços pedagógicos devem submeter-se, subordinar-se permanentemente, a um potencial e quimérica cura das deficiências (Skliar, 2003, p. 161).

Transferindo para o professor da educação especial, única e exclusiva responsabilidade pelo desenvolvimento do aluno com deficiência, e muitas vezes elevando exaustivamente a expectativa gerando alta pressão e sobrecarga neste profissional da educação.

Apontam, ainda, a existência de um estreitamento da relação entre professor de ensino regular e professor do Atendimento Educacional Especializado, bem como o interesse e a disposição do professor em aprender. Destacam, contudo, que obstáculos permanecem na prática profissional, como, por exemplo, a dificuldade do professor em planejar e avaliar o uso dessas tecnologias no AEE (Magalhães; Albino, 2016, p. 6).

Nos dias atuais, falar sobre a pedagogia das diferenças, flexibilizando as formas de ensinar e aprender, levando em consideração que cada ser é individual e único então, a igualdade nesse sentido se faz ser excludente com o processo da inclusão. O que diz Travassos (2011, p.9), fala sobre as inteligências múltiplas de Gardeney, a inteligência interpessoal, que esta baseada de distinção entre os outros, reconhecer temperamentos e características, a fim de perceber as intenções e desejos outras pessoas.

Contemporaneamente, outra questão muito enfática nos atuais debates sobre a educação inclusiva é a questão da inserção de todas as crianças, sem exceção nenhuma, em classes de ensino comum, desconsiderando a natureza e do grau de comprometimento que tais crianças apresentem. Ora, tal posicionamento merece uma reflexão, pois entre os profissionais que lidam com o público especial é sabido que existe um grupo de crianças e jovens com grau de comprometimento muito forte (Santos; Fonseca, 2011, p.10).

Com as altas demandas que só aumentam a cada dia, segundo Braun e Vianna (2011, p.6), o governo vêm ofertando cursos de formação a distância, para qualificarem professores da Educação Especial, uma ótima iniciativa, porém o conteúdo ofertado nessas especializações é algo genérico e que não prepara de fato quem nunca trabalhou na educação especial.

2.3 Identidade: relações de gênero e trabalho docente

O processo da inserção da mulher ao trabalho docente se deu no final do século XIX. Antes dominado por jesuítas, a tarefa do ensino e aprendizagem na era pós colonial no Brasil, e sobre as relações de poder de gêneros, a educação formal era destinada somente ao sexo masculino, as mulheres eram mantidas afastadas do ensino regular, a prioridade era aprender habilidades do lar, como costurar, cozinhar, cuidar da casa, terem muitos filhos e cuidar das crianças, para que se tornassem ótimas esposas donas de casa e mães, como se dizia em tempos antigos, deveriam “aprender coisas de mulheres”, como era descrito na época, com um discurso heteronormativo (Demartini; Antunes, 1993, p.5).

A partir da criação da lei de 15 de outubro de 1827, celebrada como a legislação que oficializou a escolarização primária pública para meninos e meninas de todo o Brasil, sugerida por Dom Pedro I, para garantir o direito das mulheres à educação.

Segundo Hahner (2011, p. 467) no Brasil, o magistério primário era exercido por profissionais docentes masculinos em sua totalidade, para alunos também do sexo masculino. A Lei de 1827 trouxe consigo a criação da escola de primeiras letras e a escola normal destinada ao ensino de meninas e também a formação de professoras no magistério.

Dessa maneira, houve também oportunidades para mulheres na carreira docente, dando início a formalização e aceitação da mulher, no ingresso ao mercado de trabalho. Parecia uma revolução, uma grande conquista para as mulheres, porém, se compararmos as condições e as diferenciações, questões curriculares das metodologias, e algumas matérias não eram lecionadas por mulheres, somente os homens, o que refletia na base salarial (Demartini; Antunes, 1993, p.6).

Ainda Hahner (2011, p. 468), as mulheres eram consideradas, sujeitos subalternos, onde sua renda não tinha grande importância ou necessidade dentro do seio familiar, como argumentação de que o lado maternal, o cuidado, o zelo, a paciência e amor seriam mais importantes que as questões salariais, pois sua natureza materna seria suficiente para suportar as intempéries da profissão, para a desvalorização da mulher no trabalho docente em relação aos homens, assim dando mais ênfase ao machismo estrutural.

A discrepância e a meritocracia entre o homem contrapartida à mulher na docência, traziam desigualdades. Para Cardoso e Lima (2021), as estruturas das categorias de hierarquia não levavam em consideração as identidades e as diversidades, mas as estruturas que interferiam nesses corpos dentro da matriz colonial.

Nas escolas brasileiras, no século XIX, o currículo era diferenciado para meninos e meninas. Os meninos estudavam uma grade maior de disciplinas, aprendiam as quatro operações fundamentais, frações, proporções e geometria. Para as meninas, não havia a necessidade de aprender estes conteúdos, predominava as atividades designadas a mulheres, participavam de aulas de corte e costura, por exemplo, conforme aponta Cardoso e Lima (2021, p. 232).

Segundo (Agência Senado, 2020), senador Visconde de Cayru, apresentava falas discriminatórias e preconceituosas em relação ao gênero feminino quando descreve que “Deus deu barba a homens e não a mulheres” desmerecendo, inferiorizando e enfatizando que não havia a necessidade de ensinar a matemática ampla para as meninas.

Referia-se ao “belo sexo”, uma expressão que dá referência aos corpos dóceis com um pensamento limitante, como se não houvesse nas mulheres a capacidade intelectual, mas uma visão colonialista, da religião e relações heteronormativas e cisgêneras, não sendo aceito o que fugia aos padrões sociais e culturais, deslegitimando as diferenças e não ganhando espaços nas representatividades de pertencimento (Cardoso; Lima, 2021, p. 232).

Figura 3: Meninas formam fila em escola de São Paulo.



Fonte: Agência Senado 2020.

As normalistas, assim como eram conhecidas, as moças que cursavam o Normal, de se tornarem professoras, foi retratada em canção por Nelson Gonçalves (1949), Normalista:

*Vestida de azul e branco
Trazendo um sorriso franco
No rostinho encantador
Minha linda normalista
Rapidamente conquista*

Meu coração sem amor
 Eu que trazia fechado
 Dentro do peito guardado
 Meu coração sofredor
 Estou bastante inclinado
 A entregá-lo ao cuidado
 Daquele brotinho em flor
 Mas a normalista linda
 Não pode casar ainda
 Só depois que se formar
 Eu estou apaixonado
 O pai da moça é zangado
 E o remédio é esperar
 Mas a normalista linda
 Não pode casar ainda
 Só depois que se formar
 Eu estou apaixonado
 O pai da moça é zangado
 E o remédio é esperar
 Vestida de azul e branco
 Trazendo um sorriso franco
 No rostinho encantador
 Minha linda normalista
 Rapidamente conquista
 Meu coração sem amor
 Eu que trazia fechado
 Dentro do peito guardado
 Meu coração sofredor
 Estou bastante inclinado
 A entregá-lo ao cuidado
 Daquele brotinho em flor.

Havia uma visão estereotipada da mulher, trazendo uma análise das características, na visão masculina e da representatividade que teria que exercer a normalista, quando descreve “vestida de azul e branco” padrão dos uniformes utilizados “seu rostinho encantador, minha linda normalista” colocando a beleza e a simpatia em destaque e tendo que provar que possuía esses encantos, valores e uma moral inabalável, podia até se dizer a equiparação de santidade como um “sacerdócio”, atributos esses que reforçassem suas competências e confiabilidade para a sua aceitação na sociedade.

Para Butler (2018, p. 21), diz que os significados culturais, corpo sexuado, para definição de gênero se torna uma exemplificação genérica, não se pode limitar a distinção de sexo/gênero.

Muitos consideram que a sexualidade é algo que todos nós, mulheres e homens, possuímos "naturalmente". Aceitando essa ideia, fica sem sentido argumentar a respeito de sua dimensão social e política ou a respeito de seu caráter construído. A sexualidade seria algo "dado" pela natureza, inerente ao ser humano. Tal concepção usualmente se ancora no corpo e na suposição de que todos vivemos nossos corpos, universalmente, da mesma forma. No entanto, podemos entender que a sexualidade envolve rituais, linguagens,

fantasias, representações, símbolos, convenções (Guacira Louro, 2018, p.5 e 6).

Voltando para o pensamento machista, do senador Visconde de Cayru seria uma perda de tempo, quando descreve que não haveria a necessidade de mulheres aprenderem sobre matemática, pois não iria utilizar deste conhecimento, criando um discurso de agenciamento, quando dizia que as mulheres iriam contra sua própria natureza em querer aprender coisas destinadas para o sexo masculino. Outro parlamentar, senador Marquês de Maricá disse:

Em geral, as meninas não têm um desenvolvimento de raciocínio tão grande quanto os meninos, não prestam tanta atenção ao ensino. Parece que a sua mesma natureza repugna o trabalho árido e difícil e só abraça o deleitoso. Basta-lhes o saber ler, escrever e as quatro primeiras operações da aritmética. Se querem dar-lhes algumas prendas mais, ensinem-lhes a cantar e tocar, prendas que vão aumentar a sua beleza. O que importa é que elas sejam bem instruídas na economia da casa, para que o marido não se veja obrigado a entrar nos arranjos domésticos, distraíndo-se dos seus negócios (Agência Senado, 2020).

Observando as condições descritas por Hahner (2011, p. 468) das relações de poder na época colonial, apresentava uma desigualdade entre gêneros, onde o sexo masculino tinha uma super valorização, e mais oportunidades, agindo como sujeito limitador, e a mulher, um sujeito integrante da história.

Era limitada a ações que saísse do seu papel impostos pela heteronormatividade, diante das práticas sociais, chega-se a conclusão que era inaceitável a mulher trabalhar fora do ambiente domiciliar. Com a entrada da mulher no mercado de trabalho, com sua inserção, em uma profissão que passaria a ser normalizada, a de professora, levantando o seu lado maternal como atributos para competência diante do cargo, porém vista como uma atividade complementar (Demartini; Antunes, 1993, p.7).

Ainda segundo Demartini e Antunes (1993, p. 8), outros marcadores das diferenças de gêneros entre docentes masculino e feminino, gênero feminino precisava comprovar suas atribuições e provar suas capacitações sendo considerado o lado vocacional para a licenciatura em detrimento ao instinto maternal. A mulher seria mais capaz de exercer o ensino e aprendizagem com mais paciência, ensinando com mais amor, teria de comprovar seu caráter moral elevado, para formar valores indispensáveis ao que a sociedade esperava e considerava o mais correto.

Por que ser afetivo é ser feminino? A afetividade está presente nos homens e nas mulheres. Mesmo que, de fato, ainda exista certa tendência a ressaltar o afeto como próprio às mulheres, penso que seria muito simplista confiná-lo quase que exclusivamente a elas ou às profissões que expressam qualidades consideradas femininas. Partindo do princípio de que as expressões da masculinidade e da feminilidade estão submetidas a uma constante modificação percebemos nos homens a compreensão e a sensibilidade (Yannoulas, 2011, p.175).

A mulher foi tendo mais destaque na carreira acadêmica, onde muitas viram uma oportunidade, e o número de mulheres que se formavam a cada ano ia ultrapassando a margem de homens no magistério. Segundo Hahner (2011), por volta da década de 1860 esse tema estava em ascensão, e o número de professoras estava sempre em crescimento, em contrapartida, o de professores do sexo masculino em declínio.

Pelo lado econômico, era mais barato manter os baixos salários de professoras, do que os altos salários de professores homens. Ganhando mais força a ideia de que a carreira docente se tornava a cada dia e com a visão culturalmente transformada em uma “profissão feminina”, porém com desigualdade e desvalorização de gênero.

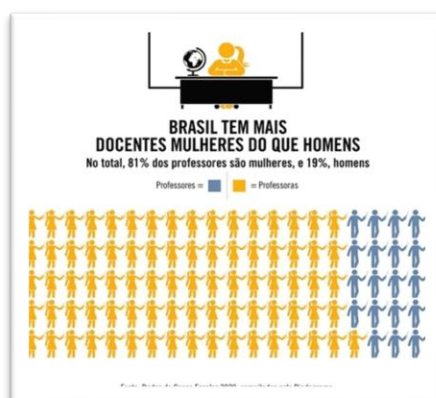
Mas, uma vez integradas ao magistério, as mulheres sentiam o peso do preconceito em relação ao trabalho feminino entre o próprio professorado. Apesar de representarem a maioria absoluta, as professoras levavam desvantagem em relação aos professores em termo de carreira e remuneração (Hahner, 2011, p.7).

Uma breve síntese da história, de como se moldou culturalmente e socialmente a feminização do magistério, nos dias atuais observamos diversos marcadores da desigualdade de gênero na carreira acadêmica, e como a profissão docente se tornou de certa forma vista como uma profissão feminina, ou em sua grande maioria exercida por mulheres.

Atualmente há mais mulheres atuantes na educação infantil, anos iniciais e educação especial, do que homens. Observamos que esse número, o de professores (masculino) aumenta na educação fundamental e no ensino médio. Mas como demonstraremos a seguir a quantidade de mulheres na educação de um modo geral ultrapassa a quantidade de docentes do sexo masculino.

Apresentaremos alguns dados do censo escolar de 2020 e levantaremos alguns dados importantes. Na educação infantil o total de docentes são 597 mil, desses, 96,4% são do sexo feminino e 3,6% do sexo masculino.

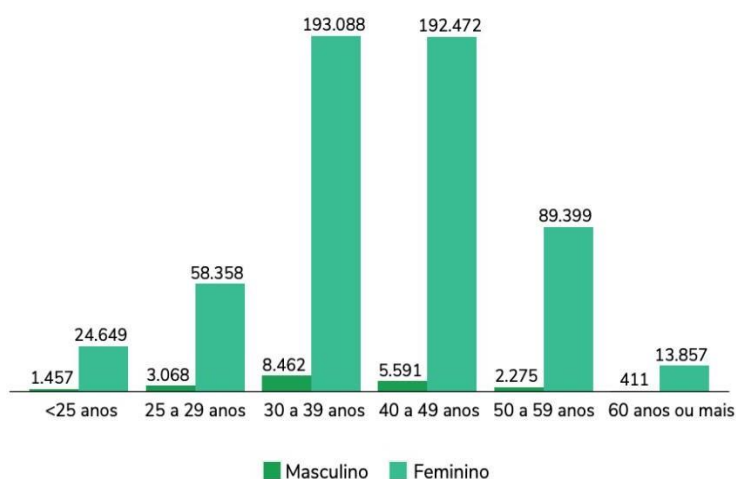
Figura 4: O Brasil tem mais docentes mulheres do que homens



Fonte: Dados do censo escolar 2020.

Já na educação especial, o que diz a respeito ao Plano Nacional de Educação (PNE) apresenta que a sua meta sobre a educação especial e inclusiva para criança e adolescente entre 4 e 17 anos com deficiência ou portador de algum transtorno do desenvolvimento. No ano de 2016, o número de alunos incluídos era de 89,5% e, em 2020, passou para 93,3%. Esse crescimento foi influenciado especialmente pelo aumento no percentual de alunos incluídos em classes comuns sem acesso às turmas de Atendimento Educacional Especializado (AEE), que passou de 50,2% em 2016 para 55,8% em 2020.

Figura 5: Professores na Educação Infantil no Brasil



Fonte: Gráfico da educação infantil, Senso Escolar 2020.

Por meio da análise do Senso Escolar 2022, em quase todas as séries foram observadas, que as mulheres representam o maior número em relação a homens lecionadores, e que essa

maioria se concentra nos anos iniciais e esse número vai modificando conforme vai se alcançando o ensino fundamental e médio, cresce a quantidade de professores homens, mas ainda prevalece a mulher como a maior parte integrante do corpo docente.

Segundo Yannoulas (2011) as investigações dos caminhos acerca das dificuldades dentro das instituições sendo, estes espaços democráticos como a escola, se faz necessário repensar as políticas públicas da educação, de forma sutil nos dias atuais ou de uma forma intrínseca, uma cultura androcêntrica, em relação as identidades femininas e estereótipos de gênero. Condições precárias de trabalho, a desvalorização salarial, discriminação de gênero, dentro da carreira de magistratura, são apontados por Vianna:

Mesmo com a feminização da docência, os homens ainda ocupam as funções de maior prestígio social e recebem os salários mais altos. Em 1997, uma professora, de 1a a 4a série do Ensino Fundamental – função que abrange maioria absoluta de mulheres – recebia, em média, um salário mensal líquido de cerca de R\$ 425,60, enquanto o rendimento médio docente no Ensino Médio (com quase 40% de homens) era de R\$ 700,19 mensais.²⁸ Pesquisa da CNTE²⁹ constata a grande diferença salarial entre os distintos níveis da Educação Básica (Vianna, 2001, p.90).

A precarização e desvalorização na educação e a falta de políticas públicas, ainda está presente nos dias atuais. Para Cardoso e Lima (2021) o Estado deve garantir esse acesso aos cidadãos, e disponibilizar independente das questões de gênero, raça, classe social, o direito ao ensino e aprendizagem.

A inclusão entre profissionais da educação, uma forma de compreender os desafios, e eliminar diversos tipos, de preconceito e discriminação, dos corpos limitados, seja racismos, sexismo, classes sociais, seja pelo capacitismo ou da comunidade LGBTQIA+, como apresentamos nesse capítulo, as questões também de gênero. A escola é um espaço democrático e de acolhimento a todas as categorias sociais, seja o professor masculino ou feminino deve procurar uma visão mais igualitária de reconhecer habilidades e condições, e planos de cargo e carreira.

Na prática, a interseccionalidade não é uma soma de opressões vividas, ainda que as discriminações de gênero e de raça/etnia não sejam fenômenos que acontecem isolados, mas ao contrário, interação, e a articulação desses sistemas discriminatórios produz experiências qualitativamente diferentes. A discriminação, marcada pelo recorte de gênero, significa, portanto, que as mulheres negras com deficiência tendem a vivenciar discriminações e outros abusos que ferem seus direitos enquanto seres humanos de forma diferente

dos homens negros com deficiência, por exemplo (Cardoso; Lima, 2021, p. 240).

Nos cursos de pedagogia a maioria são mulheres enquanto uma pequena parte do sexo masculino se forma se nesta área. Segundo Anjos, Brandão e Sousa (2015) no processo de produção cultural da identidade docente, a expectativa de perfil adequado à Educação Especial incide nas práticas, buscando-se em marcas associadas ao estereótipo do gênero feminino as qualidades tidas como adequadas à profissão.

Podemos entender que as questões da desigualdade de gênero são condições que foram criadas no pós-colonialismo, a discriminação enraizada em uma cultura onde a mulher não tinha voz, numa sociedade patriarcal, a mulher vivia em uma realidade subalterna. Questões capacitistas (qualquer tipo de discriminação, restrição ou exclusão contra pessoas com deficiência) limitava a mulher em detrimento de adquirir novos conhecimentos.

Já na atualidade temos o outro lado, a questão dos homens docentes, segundo Monteiro (2013, p.36), a profissão adquiriu uma configuração, além da desvalorização salarial, o preconceito da sociedade em relação ao professor, principalmente na educação infantil, devido aos cuidados na rotina das crianças, pois as professoras naturalmente desempenham esses cuidados com paciência e maestria, destacando o seu lado maternal.

Um cenário desafiador e de muita disputa por espaço, antes as mulheres precisavam comprovar suas habilidades, conhecimentos e valores, hoje falando do docente homem, enfrenta esse julgamento e apontamento da sociedade, dos pais e escola. O preconceito muitas das vezes inicia ainda durante a graduação.

Os homens que atuavam como professores de Educação Infantil se depararam com outro questionamento, direcionado à sua orientação sexual. O professor Murilo, por exemplo, relatou: “[...] Minha história depois foi carregada de preconceito: “Se foi para o Magistério, para Pedagogia, então é garantido que é homossexual”. Então isso já meio que taxa: “Está na educação, já é”. Então, tem essa questão, de discriminação, não é desenhado” (Monteiro, 2013, p.88).

Uma das inquietações, que provocam estranhamento e preocupação, na questão dos professores homens, quando se refere aos cuidados, contato com o corpo da criança e o corpo do homem adulto. O que Monteiro, (2013, p.94), fala da demanda entre crianças de 0 a 3 anos está sempre em crescimento, a pequena infância, onde a criança depende dos cuidados de higiene, alimentação dentre outros.

O Magistério foi sendo excluído das opções de formação, para os professores da

educação inicial dando lugar a graduação em Pedagogia. Segundo Monteiro (2013, p.58) muitos dos homens que iniciam o curso de Pedagogia, são incentivados que após a sua conclusão, trabalhem em cargos da gestão escolar, assim não tendo contato direto com as crianças.

Os motivos pelos quais existem sim homens que se interessam pela área da educação são inúmeros, como bolsa de estudos, promoção para determinada formação, por se identificar com o processo de ensino e aprendizagem, seja por terem vivenciado uma boa experiência, enquanto aluno, pela afinidade com a professora ou parente próximo que também é da área de licenciatura. Segundo Monteiro (2013, p.114) os homens quando iniciam a graduação em Pedagogia, pensam em continuar as especializações para assim ocuparem cargos mais elevados dentro da educação.

Para essas questões de gênero e identidade docente, dentro das relações escolares, faz-se necessário que haja políticas públicas que abordem esse tema. Sendo a escola um espaço democrático de acolhimento e na inserção à socialização, e consequentemente a escola tendo uma importância fundamental no processo de ensino e aprendizagem dos alunos assim preparando-os para integração à sociedade.

Embora ainda haja, claramente, muito a ser feito para compreender mais completamente a diversidade e a variedade da experiência sexual humana, esses desenvolvimentos oferecem, não obstante, alguma esperança de que possa ser possível desenvolver uma gama de pesquisas mais diretamente relevantes e praticamente aplicáveis aos problemas mais imediatos enfrentados pelos sujeitos de investigação que vivem no mundo real. Particularmente, já começa a surgir um novo foco na relação entre questões que se centram na noção de significado e questões que se centram na noção de poder na organização da vida sexual. De forma talvez mais importante, a investigação das culturas sexuais tem-se tornado, num período de mudança global intensa, cada vez mais, ligada à análise dos sistemas políticos e econômicos (Guacira Louro, 2018, p.103).

Para Forquin (2000, p.52), um bom mestre é o que demonstra, moderadamente uma certa indiferença, nas questões tradicionalistas, direcionando novas experiências para as crianças, dentro das regras estabelecidas. Assim como os alunos precisam dessas experiências de aprender a respeitar e conviver com as diferenças, regras e leis, para adquirir, valores cívicos, trazer essa pauta, sobre as questões de gênero e identidades dos profissionais da educação, para o ambiente escolar, solucionará diversos problemas e desafios, que auxiliará em tomada de ações que melhore cada vez mais a educação.

2.4 Saúde mental do professor de educação especial e inclusiva: estresse ocupacional e síndrome de burnout

Uma análise sobre o ambiente acadêmico, a realidade silenciosa, correlacionada à profissão docente e a saúde mental, perpassa por várias problemáticas. Observamos que essa demanda é ainda mais implacável e algumas vezes desumanas, a rotina escolar, as grandes e extremas exigências do cotidiano do professor da Educação Especial, vem nos alertar de um dado importante e uma realidade neste cenário cada vez mais frequente, o adoecimento destes profissionais pela sobrecarga psicológica, devido ao aumento do estresse e desgaste na vida profissional e pessoal, o que, por vezes, resulta em danos irreversíveis à saúde (Martins, Batista e Campos, 2015, p. 194).

Algumas das comorbidades mais comuns que atinge o meio acadêmico, particularmente, sobre os professores da Educação Especial, está relacionada a Síndrome de Burnout e o Estresse Ocupacional. Segundo (Arraz, 2021, p. 2) o desgaste relacionado à atividade ocupacional está diretamente ligado, ao ambiente de trabalho, manifestando-se por meio de alterações físicas e psicológicas resultantes dos desajustes nas atividades realizadas. Para Carlotto (2011, p. 403) “na perspectiva pública, a categoria de professores sofre muitas críticas, é extremamente cobrada em seus fracassos e raramente é reconhecida por seu sucesso.”

Segundo Prado (2016, p.287), exemplificar sobre as definições do Estresse Ocupacional, um fenômeno que depende de como o indivíduo percebe os eventos como agentes estressantes, portanto, a percepção desse panorama, desempenha um papel importante no processo que ocorre entre os estímulos potencialmente estressantes e as respostas do indivíduo a eles. O termo estresse ocupacional refere-se a estímulos gerados no trabalho que têm consequências negativas físicas ou psicológicas para um grande número de pessoas expostas a eles. Os fatores extra organizacionais, fatores individuais e grupais são considerados agentes estressantes.

Voltando a falar da Síndrome de Burnout, foi inicialmente debatida pelo médico psiquiatra norte americano Dr. Herbert J. Freudenberg em 1974, a Síndrome de Burnout (SB) onde o termo Burnout que vem do inglês, que “burn” significa queima e “out” significa exterior, resumindo quer dizer “queimar até a exaustão”. Isso significa que a pessoa atingirá um alto nível de estresse, apresentará problemas de saúde, físico e emocional, um quadro psicológico crônico. A alta exigência lhe trará um ambiente intenso de maior demanda, em sua maior parte são pessoas que trabalham nos cuidados de outras pessoas (Silva, 2019, p.102).

O grande foco de incidência desta síndrome está entre os profissionais que se empenham em suas funções e lidam com o cuidado ao próximo, como é o caso dos professores. Esses trabalhadores convivem diariamente com riscos psicossociais que colaboram para sintomas que predispõem ao desgaste mental e físico. Além de terem sobrecargas no âmbito trabalhista, esses profissionais não possuem tempo para suas qualificações, o que compromete sua vida profissional e suas realizações pessoais. Diante disso, fica claro que existem diversos fatores que levam ao estresse profissional e que se eles não forem observados com os devidos cuidados, podem levar à ocorrência da síndrome de burnout (Arraz, 2021, p. 6).

Para Martins, Batista e Campos (2015, p102), das atividades desempenhadas pelo professor da educação especial, dentro do contexto social, requer mais ainda das suas atribuições, suas competências pessoais, que por sua vez não se limita somente ao saber já adquirido por estes profissionais, vai além disso.

Alguns sintomas da Síndrome de Burnout em professores; atitudes negativas, sentimento de desvalorização e distanciamento dos alunos, esses sentimentos podem se organizar da seguinte forma, no que é proposto por Maslach e Jackson (1981).

Exaustão emocional: os professores, depois de uma interação intensiva com os alunos, denotam desgaste de suas energias emocionais e advertem que não podem trabalhar com a mesma dedicação e energia que apresentavam no princípio de suas carreiras. Esta dimensão manifesta-se através do esgotamento de recursos emocionais próprios; o docente sente que não pode dar mais de si mesmo em nível emocional.

Despersonalização: manifesta-se através de atitudes negativas como o tratamento depreciativo, atitudes frias e distantes e/ou desconexão dos problemas dos estudantes. Esta dimensão pode entender-se como um modo de enfrentamento à exaustão emocional que experimenta o professor.

Falta de realização pessoal no trabalho: produz-se uma valoração negativa do próprio papel profissional. Os professores, desgastados profissionalmente, sentem-se insatisfeitos com seu trabalho, o que os leva a revelar sentimentos de ineficácia no desenvolvimento de seu trabalho (Schaufeli; Enzmann, 1998 apud Moreno-Jimenez, Bernardo et al, 2002 p.15).

O Estresse Ocupacional, se desenvolve num ambiente de alta demanda e exigência para com as atividades e rotina do professor, inclusive do professor da Educação Especial, que se caracteriza por um desdobramento de sintomas fisiológicos. A forma como as tarefas são divididas e organizadas no trabalho, de um profissional está diretamente relacionada a fatores estressantes significantes. Condições precárias de trabalho, como baixa valorização salarial,

discrepância entre tarefas prescritas e realizadas, falta de recursos e problemas de infraestrutura, podem agravar ainda mais esse estresse (Prado, 2016, p. 287).

Para a abordagem do estresse ocupacional, são consideradas as vertentes biológica, psicológica e sociológica, que, apesar de distintas, são complementares e estão interligadas. Na biológica, o estresse é caracterizado, essencialmente, pelo grau de desgaste do corpo. Os processos afetivos, emocionais e intelectuais do indivíduo correspondem à abordagem psicológica, ou seja, é a maneira pela qual este se relaciona com as outras pessoas e com o mundo ao seu redor. Em adição, a sociológica refere-se à compreensão das variáveis que se estabelecem no contexto da sociedade. O diagnóstico dos sinais e sintomas do estresse ocupacional é essencialmente clínico, baseado nos rastreamentos individual e do risco nas situações de trabalho (Prado, 2016, p. 287).

Segundo Aliante, Abacar e Pereira (2020, p. 162-173), discutir alguns dados que foram levantados por uma pesquisa, feita com 15 professores moçambicanos atuantes na Educação Especial. O resultado da pesquisa nos demonstra as questões, que claramente os seus efeitos (neste caso os negativos) podem interferir para dificultar a qualidade do trabalho docente.

Na pesquisa de Aliante, Abacar e Pereira (2020, p. 173), observaram que em relação aos sintomas do estresse em professores, dos 15 participantes, 11 tem mal-estar generalizado sem causa específica, 10 sentem mudança no apetite, 9 sentem cansaço constantemente, 8 dores estomacais, 7 professores sofrem insônia, 6 sofrem diarreia e sensação de desgaste físico constante, 5 diz que sentem tensão muscular e 3 reclamam do formigamento nas extremidades, esses foram os sintomas físicos.

Ainda analisando os dados levantados por Aliante, Abacar e Pereira (2020, p. 174), sobre os sintomas psicológicos e emocionais dos 15 professores, 10 pensam e falam num único assunto constantemente, 8 sentem uma vontade repentina de iniciar novos projetos, 7 desses professores sentem diminuição da libido, 6 acometem a falta de autoconfiança, 3 tem aumento repentino de motivação e outros 3 a perda de senso de humor, 2 reclamam de episódios de pesadelos e outros 2 sentem uma irritação excessiva.

Outra parte da pesquisa abordou sobre aspectos do trabalho docente e os agentes estressores, dos 15 professores; 11 dizem que as oportunidades de crescimento profissional são limitadas, 10 falam das dificuldades de locomoção de casa-trabalho, 8 afirmam estarem insatisfeitos com os salários e remunerações, outros 8 sobre a falta de recursos e materiais, 6 relatam sobre o ambiente de trabalho e classe social, 5 tentam conciliar trabalho e família, outros 5 reconhecem que continuam a necessitar de formações continuadas, 4 dizem que não

participam das decisões institucionais e outros 4 dizem que não há uma formação específica para lidar com alunos especiais, mais outros 4 professores dizem na quantidade de matérias lecionadas, 4 sobre a dificuldade de conciliar trabalho e lazer, 4 trabalharem com alunos com necessidades especiais e 3 dizem que a liderança dos membros de direção.

Atualmente, ser professor, independentemente do nível de ensino ou do tipo de escola em que atua, está se tornando uma profissão cada vez mais estressante devido aos vários desafios psicossociais presentes no ambiente de trabalho. O ensino, antes considerado uma vocação gratificante tanto pessoalmente quanto profissionalmente, está dando lugar a um profissional extremamente envolvido em questões tecno burocráticas. Há uma redução na abrangência do trabalho, as tarefas de alto nível são transformadas em rotinas e há pouco tempo disponível para executar o trabalho, se atualizar profissionalmente, descansar e interagir socialmente, além de poucas oportunidades para exercer a criatividade no trabalho (Carlotto, 2011, p.403).

Um outro estudo e pesquisa feito por Carlotto (2011, p. 405) apresenta alguns dados sobre o Burnout, em uma pesquisa realizada com 881 professores mostrou que: 832 dos professores apresentam Exaustão Emocional, 875 sentem a Despersonalização Profissional, e um número menor, cerca de 626 dizem ter Baixa Realização Profissional. É possível observar um percentual mais elevado no tópico da Despersonalização e um menor resultado quando se fala de Baixa Realização Profissional. Um dado complementar da pesquisa é que quanto maior for a idade do professor, maior é o seu sentimento de desgaste emocional e menor o sentimento de realização profissional.

Um agente estressante é a sobrecarga no número de alunos que são acompanhados diariamente, causando o desgaste emocional, e o baixo rendimento em suas funções. Outras informações de grande relevância; as mulheres apresentam uma maior exaustão emocional, porém apresentam maior realização no trabalho, se compararmos com os homens que sentem mais despersonalização de suas funções

Sobre a vida pessoal, quando esses profissionais não possuem companheiros fixos, sentem se mais realizados profissionalmente. Os professores que não têm filhos sentem mais exaustão emocional, já os que possuem filhos passam pela despersonalização do trabalho e não realização profissional segundo a pesquisa (Carlotto, 2011, p. 405).

No contexto debatido sobre as causas e consequências no adoecimento dos profissionais da Educação Especial, e os dados coletados nas pesquisas mencionadas, será preciso fazermos

uma análise de alternativas para enfrentamentos dessas situações, e quais estratégias os professores se utilizam para amenizar os quadros psicológicos e seus sintomas físicos.

Segundo a pesquisa de Aliante, Abacar e Pereira (2020, p. 176), demonstra que dos 15 participantes da pesquisa, 12 desabafam com seus familiares, colegas e amigos, 9 dizem se distrair assistindo televisão, 8 gostam de ler livros, jornais e revistas, e apenas 4 ir passear, sair.

Uma pesquisa feita por (Silva 2017, p.7) 59,0% procuram manter o controle da situação, 36,1% buscam auxílio e conselhos de terceiros (apoio social), 31,4% apresentam estratégia negativa de isolamento e 41,9% estratégia negativa de recusa, na qual os sujeitos tendem a adotar atitude de indiferença diante das dificuldades ou ignoram as situações.

O acompanhamento deve se iniciar quando o profissional identificar que a sobrecarga e as pressões estabelecidas no seu dia a dia, estão lhe causando alguns sintomas seja ele físicos ou psicológicos. A importância de mudar o foco e o olhar deste profissional, e que consiga separar a vida profissional da vida pessoal, e também ressignificar tanto o seu universo profissional quanto o seu universo pessoal, e encontrando um equilíbrio e obtenha a satisfação no seu cotidiano.

A aptidão de criar e manter um ambiente com presença reduzida de estressores organizacionais é uma exigência crescente, e todo empregador deve estar capacitado para gerir e reduzir o próprio estresse, bem como para auxiliar na diminuição das tensões de seus empregados (Prado, 2016, p.285).

Nossa sociedade a cada dia exige mais e mais do profissional, seja em qual área for onde ser mais produtivo ter mais responsabilidade e entregar cada vez mais, levando a mensagem da positividade operacional, e uma “farsa” do sucesso profissional. Onde muitos profissionais adoecem, seja pelas comparações ou acreditarem que não são tão competentes, como os colegas e demais. Segundo (Han, 2015, p. 69) com a expressão “doping cerebral” que seria um up grade (melhoria cerebral) passando a ser mais produtivo, ainda defendido por alguns cientistas de que seria uma irresponsabilidade não utilizar destes meios. Um questionamento que deve ser contínuo e debatido, “como ficará a saúde física e mental de cada um”?

Deve-se ter cautela com relação aos resultados obtidos, uma vez que esses são decorrentes de instituições localizadas em uma região específica do país, não sendo, portanto, passíveis de generalizações para outras instituições ou profissionais. A investigação sugere a necessidade de aprofundamento dos resultados obtidos, uma vez que a literatura brasileira ainda é incipiente em termos de resultados de Burnout nessa categoria profissional. Assim, sugere-

se a realização de novos estudos, com inclusão de outras variáveis e delineamentos em contextos diferenciados (Carlotto, 2011, p. 408).

Acreditamos que ao reconhecer e entender os desafios enfrentados pelos professores que trabalham com alunos com necessidades educacionais especiais, poderemos sugerir abordagens centradas na aceitação e nos valores, que busquem promover a flexibilidade psicológica e a capacidade de viver cada momento, em última análise, maximizando a qualidade de vida dos professores (Martins, Batista e Campos, 2015, p. 208).

2.5 Da pedagogia crítica a sociedade do cansaço: relações entre educação e cultura

Na busca por explicações, que nos ajude a compreender o cenário desafiador do docente dentro da sociedade, abordar sobre o imenso desafio, nos dias atuais do profissional da educação, a satisfação profissional e ainda assim não sofrer prejuízos, seja em sua vida profissional, pessoal e mantenha sua integridade mental e física.

Para Giroux (1997, p.124) o papel do professor vai além do ensinar a ler e escrever, como enfatizado nos ensinamentos tradicionalistas, porém aguçar e desenvolver nos alunos um pensamento crítico, assim fortalecendo seu senso de compreensão e aceitação, aprimorando o lado criativo e crítico. A crítica de Giroux vem justificar como as escolas, muitas das vezes silencia esses alunos, dentro dos seus processos e procedimentos para cumprir com planejamento escolar, gerando um conflito e rigidez na aprendizagem.

Várias políticas ao longo dos anos vêm sendo discutidas, os movimentos de reformas educacionais. Segundo Giroux (1997, p.157), das mudanças propostas para que a escola se encaixe num padrão determinado muitas das vezes são debatidas e decididas por pessoas que muitas das vezes não têm uma vivência efetiva no ambiente escolar, fugindo assim da realidade existente, em que cada profissional da educação (inclusive o professor da educação especial) atravessa essas dificuldades. É neste tipo de posicionamento muitas das vezes o conhecimento do professor não é levado em consideração, desclassificando as competências do professor, na sua competência em ensinar.

Quando os professores de fato entram no debate é para serem objeto de reformas educacionais que os reduzem ao status de técnicos de alto nível cumprindo ditames e objetivos decididos por especialistas um tanto afastados da realidade cotidiana da vida em sala de aula. A mensagem parece ser que os professores não contam quando se trata de examinar criticamente a natureza e processo de reforma educacional (Giroux, 1997, p.157).

Mesmo com o discurso político e ideológico em que não credibilizam o professor, aparecem as oportunidades de debates nos programas de “treinamento no trabalho” e nas denominações escolares, oferecendo assim momentos em que o professor de forma coletiva tem a possibilidade de organizarem formas efetivas e condições, para mostrar ao público o seu fundamental papel nas escolas públicas.

Conforme Giroux (1997, p. 158), para que esse debate seja ouvido, é preciso rever a crise na educação sobre as questões da gestão política e ideológica, uma mudança de discurso, para rever esse quadro de enfraquecimento, onde o professor perde sua força coletiva e se organizem num esquema único.

As exigências apresentadas aos profissionais da educação nesse contexto de nova regulação educativa parecem pressupor maior responsabilização dos trabalhadores, demandando maior autonomia (ou heteronomia) destes, capacidade de resolver localmente os problemas encontrados, refletir sobre a sua realidade e trabalhar de forma coletiva e cooperativa (Assunção; Oliveira, 2009, p. 351).

Analisando de uma forma resumida, o professor está sempre a ser colocado contra a parede, de um lado o Estado criando currículos que muitas das vezes fogem da realidade educacional, cobrando sempre desse profissional que se prepare a cada vez mais que estude e se capacite mais e mais, porém não é participante na maioria das decisões estabelecidas. A alta demanda nos planejamentos de suas aulas em que muitas das vezes também precisa confeccionar materiais didáticos, pois o governo não fornece tais materiais prontos, foras as adaptações que precisa fazer para atender a realidade de cada aluno em suas particularidades.

Os problemas desta abordagem são evidentes com o argumento de John Dewey de que os programas de treinamento de professores que enfatizam somente o conhecimento técnico prestem um desserviço tanto à natureza do ensino quanto a seus estudantes. Em vez de aprenderem a refletir sobre os princípios que estruturavam a vida e prática em sala de aula, os futuros professores aprendem metodologias que parecem negar a própria necessidade de pensamento crítico. O ponto é que os programas de treinamento de professores aprendem metodologias que parecem negar a própria necessidade de pensamento crítico. O ponto é que os programas de treinamento de professores muitas vezes perdem de vista a necessidade de educar os alunos para que eles examinem a natureza subjacente dos programas escolares. Além disso, estes programas precisam substituir a linguagem da administração e eficiência por uma análise crítica das condições menos óbvias que estruturam as práticas ideológica e materiais de ensino (Giroux, 1997, p.159).

Fazendo um comparativo entre a pedagogia crítica em que Giroux nos apresenta, e as questões culturais e sociais sobre a crítica do sistema educacional, como isso impactou de forma

negativa e contribuiu para a invalidação dos professores, refletindo também na qualidade de sua vida profissional e consequentemente em sua saúde.

Com a intensificação no trabalho docente, para que se realize numa velocidade superior, para produzir maiores quantidades de tarefas, provocando uma degradação nas atividades desempenhadas comprometendo a qualidade das mesmas. Para Assunção e Oliveira:

Confrontados com a falta de tempo, os trabalhadores limitam a atividade em suas dimensões centrais, que seriam manter o controle da turma e responder aos dispositivos regulatórios. Vale ressaltar que o sofrimento no trabalho, associado ao adoecimento em estudos específicos, está sempre ligado a um conflito entre a vontade de bem fazer o seu trabalho, de acordo com as novas regras implícitas da profissão, e a pressão que os leva a certas regras para aumentar a sua produtividade (Assunção; Oliveira, 2009, p.366).

Toda essa pressão ocasionada pela sobrecarga nas funções do professor, vem nos mostrar o desenvolvimento de um sistema econômico, onde o desempenho positivista é um medidor da competência e da capacidade docente, onde as multitarefas são obrigatórias para que se prove seu sucesso profissional.

Ao falarmos sobre as transições dentro do contexto social e cultural, no formato comportamental trabalhista, na sociedade moderna onde os inimigos eram classificados como bactérias virais, e com a descoberta dos antibióticos, chegando ao seu fim. Porém no começo do século XXI um grande aumento nos transtornos neurológicos, assim as infecções que já não ocorriam, dando lugar a novas enfermidades como os infartos, como nos demonstra Han (2017, p. 8).

Segundo Han (2017, p.7), doenças neurológicas como depressão, Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), Transtorno de Personalidade Limítrofe (TPL), ou Síndrome de Burnout (SB) e outras patologias psicológicas, trocando assim o as infecções pelos infartos. Resultado de um sistema que presa pelo excesso de positividade e afastam a negatividade daquilo que é diferente do desejado.

No tipo de sociedade disciplinar, a negatividade enfatizando a proibição, caracterizada como uma ditadura da obediência absoluta, com a autoridade externa levando o indivíduo ser mandando para executar as tarefas, porém era realizada uma única tarefa por vez, tempo maior concentração para a sua execução. Segundo Han (2017, p.34), outra característica que marca esse modelo de sociedade é o tédio na execução de tarefas, porém abre margem para “o descanso espiritual” e pode melhorar o desenvolvimento da criatividade e do imaginário,

resumindo a sociedade do dever.

Essa análise de Han sobre a sociedade disciplinar, destaca também sobre os pontos positivos que é o foco na execução das tarefas, uma por vez, o tédio que ajuda a desenvolver a criatividade na execução das mesmas. Se compararmos levando para o lado da educação, tem características parecidas com a educação tradicional. Porém, segundo Giroux a educação tradicional, ela aprisiona o professor e o estudante, a um ensino convencional, não colabora para que aconteça um ensino aprendizagem com o desenvolvimento do pensamento crítico e criativo.

Sobre a sociedade do cansaço é o novo modelo da vida social, segue o lado oposto, resultado das evoluções da sociedade disciplinar, a chamada sociedade do desenvolvimento, onde o positivismo, a autoafirmação da ação todo o tempo. Se na sociedade disciplinar era o “dever”, na sociedade do desenvolvimento é o “poder”. O sujeito na sociedade do desempenho é chamado a todo o momento para agir, de produzir, de afirmar sua positividade frente aos outros, fazendo várias coisas ao mesmo tempo, sobre o foco é superficial.

Dentro deste contexto outra característica é a hiperatividade e a realização de multitarefas. A hiperatividade repudia o tédio como etapa do processo, exigindo mais desse sujeito e levando a exaustão e ao cansaço crônico. Han (2017, p.70). O indivíduo da sociedade do cansaço, a todo o momento precisa afirmar quem é para ser, ele luta isolado, no qual anula o mundo dos outros para que o seu “Eu” ganhe força, porém continua sempre cansado. Resultando em doenças, a mais frequente é a depressão pela alta exigência, consequentemente um esgotamento por conta dessa positividade.

O sujeito do desempenho pós-moderno, que dispõe de uma quantidade exagerada de opções, não é capaz de estabelecer ligações intensas. Na depressão todas as ligações e relacionamentos se rompem, também a ligação para consigo mesmo. O luto distingue-se da depressão sobretudo por sua forte ligação libidinosa com um objetivo. A depressão, ao contrário, não tem objetivo, por isso não tem uma orientação definida (Han, 2017, p.92).

Mas o que tem haver a sociedade do cansaço com os profissionais da educação especial? Tem muitas coisas em comum, se analisarmos historicamente e culturalmente a profissão docente, vem cada vez mais, surgindo grandes exigências onde o professor precisa trabalhar mais, se capacitar mais, atender salas superlotadas, atender as especificidades e necessidades dos alunos com deficiência e etc.

Como nos mostrou Girox (1997, p. 157) sobre a invalidação que os professores sofrem

por parte da administração escolar, do Estado e da própria sociedade, em que muitas das vezes não leva em consideração a experiência docente e seus conhecimentos para tomada de decisões.

Depois da análise de Han (2017, p. 91), podemos considerar que o professor, principalmente o professor da educação especial ele é um sujeito da sociedade do desempenho, quando analisamos as estatísticas e outros dados podemos ver em seu lugar de fala, que ele sempre se sente cansado, esgotado, que está na linha de frente de um combate, e muitas das vezes um combate interno consigo mesmo, uma repetição de comportamento para reafirmar o excesso de positividade.

Para Giroux (1997, p. 124), das ações para que se possam vencer este cenário da degradação do professor, continuar no debate para o desenvolvimento de um pensamento crítico, possam reformular questionamentos sobre as demandas escolares, cobrar um posicionamento das corporações escolares, enfrentamentos das ideologias e dessa cultura da desvalorização do professor. Chamar os outros órgãos responsáveis pela concretização da educação, fazendo com que toda a sociedade participe do processo de ensino e aprendizagem otimizando os resultados.

As políticas educacionais das últimas décadas provocaram mudanças que causaram grande impacto sobre a organização e a gestão escolar. A expansão da escolaridade e a consequente universalização do ensino fundamental nas redes públicas brasileiras trouxeram um maior contingente para o sistema educativo e maior complexidade das demandas apresentadas à escola. Essas demandas chegaram à escola sem que as condições objetivas de atendimento fossem adequadas à nova situação, o que tem resultado em intensificação do trabalho docente (Assunção; Oliveira, 2009, p.366).

Como afirma Han (2017, p.127), tudo se transformou em uma grande loja comercial e nos transformou em vendedores que precisa alcançar metas cada vez maiores e que não param de crescer, e sempre em busca de atender mais as expectativas alheias e a nossas próprias e que são exorbitantes. Han compara essa positividade exacerbada deu origem a um local, comparado a um manicômio. Acrescentou que aparentemente “parecemos” ter tudo, do que físico. Porém pergunta onde está sua fé? Onde está sua alma? Se perdeu além da capacidade de admiração, perdeu também sua personalidade própria e individual, de “ser humano”, por causa das altas cobranças e exigências que faz a si próprio. Han diz “já é hora de transformar essa casa mercantil novamente numa moradia, numa casa de festas, onde valha a pena viver”.

3. PERCURSO METODOLÓGICO

3.1 Objetivo Geral

Analisar as narrativas, dos docentes da Educação Especial e Inclusiva, sobre as questões de trabalho e saúde, permitir o debate para o conhecimento de todos, e mostrar como a educação e trabalho se desenvolveram historicamente e culturalmente.

3.2 Objetivos Específicos

- Caracterizar os aspectos teóricos do cotidiano de professores de educação especial.
- Descrever os aspectos sociodemográficos e ocupacionais da amostra.
- Analisar as narrativas dos professores de Educação Especial sobre remuneração, novas tecnologias, saúde mental, apoio/amparo, sentimentos, frustração, materiais didáticos, formação continuada, estratégias de enfrentamento do estresse entre outros assuntos.

3.3 Tipo de Estudo

Pesquisa qualitativa, exploratória-descritiva, de corte transversal.

3.4 Participantes e Amostras

Os participantes da pesquisa, são professores da Educação Especial que atuam no Estado de Mato Grosso do Sul, Brasil. São 8 entrevistados, sendo que 7 declararam ser do sexo feminino e 1 não declarou seu gênero, com idades entre 37 a 48 anos e todos com graduação concluída.

3.5 Instrumentos

Elaborado especialmente para esse estudo, conforme consta no Apêndice A, trata-se de um questionário semiestruturado com perguntas fechadas, de múltipla escolha ou de completar, que abrange diferentes esferas da vida e trabalho do professor: identificação, sexo, situação conjugal, idade, escolaridade, tempo de serviço e carga horária. E também questões sobre o cotidiano de trabalho docente.

3.6 Procedimentos

Foi elaborado um questionário, no formato Word, com 20 questões bem específicas, para que escolhessem a melhor forma de responderem, se seria respondido e enviado por email, ou presencial, deixamos a escolha de cada entrevistado.

Ficou decidido um número de 8 professores de educação especial e inclusiva para serem entrevistados. Sendo que 7 responderam de forma online, e somente 1 professor respondeu na folha impressa, e permitiu uma visita na instituição privada que atende crianças autistas e com outros tipos de transtornos associados. Deve-se destacar que o processo de coleta de entrevistas, não foi uma tarefa fácil, pois foram feitos vários contatos com diversos professores e alguns já negavam na hora do contato, outros nunca deram o retorno, mesmo que após o primeiro contato, fosse enviada uma mensagem para lembrá-lo, e ainda outros por medo de serem identificados não aceitando em participar da nossa pesquisa.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com o intuito de analisar o cenário dos profissionais da Educação Especial, foi realizada uma entrevista estruturada conforme as demandas e as questões sociais e emocionais. A fim de levantar relatos da experiência e ponto de vista de cada professor da Educação Especial.

No total foram entrevistados 8 candidatos, onde 7 preferiram responder em arquivo Word e sua devolutiva foi através de e-mails e WhatsApp, e apenas 1 candidato preferiu responder na folha impressa e autorizou a visita na instituição para que a pesquisadora pudesse conhecer a sua realidade de trabalho. A seguir segue a apresentação dos 8 candidatos, lembrando de manter preservada a identidade de cada participante.

Em relação aos dados sociodemográficos e ocupacionais segue as seguintes informações dos participantes da pesquisa:

-Professor 1 - Do gênero feminino, tem 37 anos, casada e não tem filhos. Atua na educação há 14 anos, mesmo tempo em que atua na educação especial. Trabalha em uma escola municipal, 40 horas semanais. Graduada no curso de Pedagogia, possui especialização em Educação Infantil e Múltiplas Linguagens/Atendimento Educacional Especializado-AEE.

-Professor 2 - Identifica-se com o gênero “Outros”, tem 47 anos, divorciado, possui filho, mas não especificou quantos. Graduação em História, fez especializações em Educação Especial e Geopolítica e Relações Internacionais e Coordenação Pedagógica. Atuou por 10 anos na educação e está há 6 anos na Educação Especial. Carga horária de 38 horas semanais em dois turnos.

-Professor 3 - Ggênero feminino, 47 anos, solteira, não tem filhos. Não especificou a graduação, possui especializações em Psicopedagogia Clínica e Institucional, Mestrado em Educação. Atua há 14 anos e desses, 10 na Educação Especial. Atualmente trabalha em uma escola municipal e trabalha 40 horas semanais, em 2 turnos, matutino e vespertino.

-Professor 4 – É do gênero feminino 37 anos, solteira, tem 1 filho. Graduação em Pedagogia e especialização em Educação Especial. Atua há 3 anos na Educação e há 4 meses na Educação Especial. Trabalha um período, de 20 horas semanais.

-Professor 5 - Gênero feminino, 43 anos, casada e tem um filho. Graduação em Pedagogia com especialização em Psicopedagogia, possui outras especializações em Educação Especial e Inclusiva. Atua na Educação há 23 anos e sempre na Educação Especial. Trabalha no ensino privado, com a carga horária de 20 horas.

-Professor 6 - Gênero feminino, tem 46 anos, casada e tem dois filhos. Graduação em Pedagogia, especialização em Educação Especial Inclusiva, AEE, em Gestão Escolar e Psicopedagogia. Atua como docente há 11 anos, mesmo tempo também na Educação Especial. Trabalha 20 horas semanais em uma escola municipal.

-Professor 7 - Gênero feminino, 48 anos, divorciada e tem 3 filhos. Não especificou a graduação, mas informou que tem especialização em Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva. Atua na profissão há 16 anos,

e atua há 13 anos na Educação Especial. Leciona em uma escola municipal, 40 horas semanais, nos turnos matutino e vespertino.

-Professor 8 - Gênero feminino, tem 45 anos, solteira não tem filhos. Graduada em Pedagogia, especialização em Neuro Psicopedagogia, e MBA em mídias digitais. Atua há 5 anos na Educação e há 2 anos na Educação Especial, trabalha em uma escola municipal, 20 horas semanais.

A maioria das professoras de educação infantil, ensino básico e educação especial, são mulheres. Segundo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) “do corpo docente, composto por mais de 2,3 milhões de profissionais, 1,8 milhões (79,2%) são professoras. Na educação infantil, onde se inicia a trajetória escolar regular, elas são praticamente a totalidade de quem educa: 97,2%, nas creches e 94,2%, na pré-escola”. Os dados são do Censo Escolar 2022, divulgados pelo Ministério da Educação (MEC) e Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP, 2023).

Ainda temos, no Brasil, tarefas de cuidados direcionadas ao sexo feminino, enquanto as funções de domínio público, político e econômico apresentam-se como atribuições estritamente masculinas.

Assim, [...] ser professora representava um prolongamento das funções domésticas e instruir e educar crianças, sob o mascaramento da missão e da vocação inerentes às mulheres, significava uma maneira aceitável de sobrevivência, na qual a conotação negativa com o trabalho remunerado feminino esvaía-se perante a nobreza do magistério (Almeida, 1996, p.74).

Dentre os entrevistados apenas 1 se identificou com gênero “outros”, todo o restante do gênero feminino. Diante desse dado, continuamente observamos a presença de docente femininas em grande quantidade. Porém (Skliar 2003, p.46) nos fala que a pedagogia do outro, da diferenciação no caso de rotulação, deve ser anulada, “está mal ser o que és”, que este tipo de discurso deve ser eliminado.

Os participantes da pesquisa foram perguntados sobre “O que o/a motivou a atuar na educação especial? e as respostas seguem abaixo:

-Professor 1 - Trabalha na educação de surdos e segundo a entrevistada nunca foi planejado atuar na educação especial, isso foi se tornando uma realidade. Quando estava cursando a graduação fez também o curso de Libras e assim já em sua primeira experiência, atuou como professora de intérprete de Libras, e atua nos dias atuais na educação especial.

-Professor 2 - Na época foi incentivada por uma diretora a fazer a pós-graduação em Educação Especial e quando concluiu já iniciou como assistente pedagógica especializada. Trabalhava com crianças que apresentavam deficiências intelectuais de leves a severas, como transtorno do espectro

autista, paralisia cerebral e uma série de outros transtornos.

-Professor 3 - Relatou que se identificou com o fazer pedagógico do professor da sala de recursos. Assim que assumiu o primeiro concurso nos anos iniciais, buscou conhecer todos os profissionais que atuavam na escola e observou que o Atendimento Educacional Especializado (AEE) se aproximava muito com a Psicopedagogia e procurou informações sobre o Professor do AEE e formação específica na área da Educação Especial.

-Professor 4 – Realizou o processo seletivo como estagiária da Prefeitura de Campo Grande, esse foi o primeiro contato com a Educação Especial, logo em seguida se formou e viu a necessidade de ampliar os seus conhecimentos nessa área para poder auxiliar os alunos com atividades adaptadas e jogos para alfabetização entre outros.

-Professor 5 - Pela vontade de melhorar a qualidade de vida e social da Educação Especial, pois esses alunos fazem parte de uma sociedade.

-Professor 6 – Afirma que por acreditar na Educação e por amar a profissão.

-Professor 7 - O que o motivou a trabalhar na Educação Especial, foi o fato de os alunos estarem nas salas de ensino regular e a demanda de um apoio para esses alunos e professores.

-Professor 8 – Foi pela necessidade da inclusão e de ver a evolução de alunos que possuem necessidades específicas.

Observamos que é uma necessidade crescente, de se ter mais profissionais atuantes na educação especial, seja pelas necessidades específicas de cada aluno ou pelo número de alunos participantes dentro do ensino regular. Os órgãos públicos depararam-se com uma questão de alta complexidade, por um lado a implementação da Educação Especial que seja de fato inclusiva, porém, atualmente, é uma tarefa árdua.

Torres e Mendes (p.795, 2019) falam sobre a dificuldade dentro dos cursos de licenciatura onde são abordadas poucas temáticas em relação a educação especial, e na implementação efetiva da inclusão. Torres e Mendes comentam ainda que além das capacidades teóricas e didáticas, existem as atitudes sociais e a formação dos professores da Educação Especial, na implementação de três pontos importantes na formação do professor de AEE que são: História, Política e Práticas Pedagógicas.

Os participantes foram divididos em três grupos e cada um matriculado em uma sala na qual ocorreu o curso. A distribuição dos alunos nas salas deu-se por sorteio aleatório. Os objetivos do programa de formação foram: • levar o cursista a compreender, debater e sensibilizar-se com a história da exclusão das diferenças na escola. • Proporcionar ao cursista conhecer os fundamentos legais da Educação Especial na perspectiva da inclusão escolar no Brasil. • oportunizar o desenvolvimento de habilidades e de conhecimentos sobre estratégias que favorecem a participação e aprendizagem em uma perspectiva inclusiva (Torres; Mendes, 2019, p. 769).

Um estudo apresentado por Aliante, Abarcar e Pereira (2019, p.164), mostra que o órgão

público de Moçambique reconhece que a execução do conceito de inclusão é complexa, além das habilidades adicionais que o professor precisa para lidar com as demandas dos alunos, sejam físicas ou psicológicas, e outras questões sobre recursos como materiais, equipamentos e espaços físicos dentro da instituição escolar.

Para Forquin (2000, p.54 e 55), a importância de possuir uma multiplicidade de atributos, para cumprir com várias tarefas, sendo destinados a exercer várias funções, como deveres cívicos, familiares e sociais. Por meios de suas ações pela multiplicidade de papéis, justifica o tratamento entre os indivíduos seja igualitário, será que isso se aplica dentro da Educação Especial?

Os professores pesquisados também foram questionados sobre “Quais as deficiências que geralmente seus alunos apresentam?”

-Professor 1 - Trabalha na adequação de metodologias para a primeira língua de Libras dos alunos.

-Professor 2 - Trabalha com crianças que apresentam deficiências intelectuais de leves a severas, transtorno do espectro autista, paralisia cerebral e uma série de outros transtornos.

-Professor 3 – Com alunos que apresentam múltiplas deficiências, Transtorno do Espectro Autista, deficiência física e intelectual, paralisia cerebral, microcefalia, hidrocefalia, síndrome de Down e malformação congênita, surdez, deficiência auditiva, baixa visão e cego.

-Professor 4 - Trabalha com alunos que apresentam deficiência intelectual.

-Professor 5 - Atua com alunos com deficiências múltiplas como por exemplo: síndrome de Down, autismo, deficiência intelectual, TDAH (Transtorno de Deficit de Atenção e Hiperatividade), paralisia cerebral e baixa Visão.

-Professor 6 - Trabalha com crianças autistas.

-Professor 7 - Atua com alunos com deficiência intelectual, paralisia cerebral, deficiência física e TEA (Transtorno de Espectro Autista).

-Professor 8 - TDAH Transtorno de déficit de atenção e hiperatividade, transtornos globais do desenvolvimento (TGD) e deficiência intelectual.

A maioria dos entrevistados trabalham com alunos que apresentam deficiências como: transtorno do espectro autista (TEA), transtornos de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH), deficiência intelectual, síndrome de Down, transtornos globais do desenvolvimento (TGD), surdos e com baixa visão.

Observamos que as necessidades específicas de cada aluno, necessita das habilidades do professor, para que este auxilie no desenvolvimento do aluno e assim na inclusão, dentro do espaço escolar. Segundo Ropoli, et al (p.22, 2010), diz que a metodologia do Atendimento

Educacional Especializado (AEE) leva em consideração as peculiaridades de cada aluno, mesmo quando os alunos têm a mesma deficiência, o suporte prestado a cada um pode ser diferenciado de aluno para aluno.

Por isso, o primeiro passo para se planejar o Atendimento não é saber as causas, diagnósticos, prognóstico da suposta deficiência do aluno. Antes da deficiência, vem a pessoa, o aluno, com sua história de vida, sua individualidade, seus desejos e diferenças (Ropoli, et al, 2010, p. 22).

Os professores entrevistados foram solicitados a comentar sobre “Em suas aulas, você tem a disposição materiais didáticos, espaços personalizados e preparados para receber esses alunos com deficiência, e que facilite nas dinâmicas do ensino e aprendizagem? As respostas estão apresentadas a seguir:

-Professor 1 - Utiliza materiais para a construção de objetos didáticos e tem a sua disposição a matéria-prima para a confecção. A entrevistada disse que se sente apoiada dentro do ambiente escolar e também pelas famílias dos alunos.

-Professor 2 - Sobre recursos como materiais e espaços especializados, o candidato B diz que em sua grande maioria são os professores que produzem, diz ainda que quase nunca disponha de estruturas adequadas para esse aprendizado, e acrescenta que deveria ser dispensado uma maior atenção e recursos para essa área.

-Professor 3 – Sim, dispõe atualmente de uma sala de recursos com espaço suficiente para atender os alunos e a direção escolar tem atendido as solicitações quanto aos materiais pedagógicos e recursos necessários e investido em computadores e tablets.

-Professor 4 - Segundo a professora, ter um professor de apoio é uma grande conquista, porém diz não ter um espaço para atendimento individualizado para o aluno.

-Professor 5 - Os materiais são previamente selecionados de acordo com a necessidade do aluno. São confeccionados jogos pedagógicos para o aluno realizar na prática em um segundo momento quando possível, realiza o registro da atividade em um relatório.

-Professor 6 - Tem materiais disponíveis na sala de recursos, e também confecciona alguns materiais.

-Professor 7 - Disse que sua sala tem espaço, mobiliários e materiais para a aprendizagem dos alunos, possui 2 mesas, cadeiras, Notebook, som, quadro branco, tintas, jogos pedagógicos e materiais didático em geral.

-Professor 8 - Para a viabilização da ampliação das possibilidades de atendimento das diferentes necessidades educativas, entendemos que a produção dos recursos deva ser operacionalizada mediante estudo sistemático, desta maneira, quase não se encontra materiais didáticos disponíveis. A produção de materiais pedagógicos adaptados é confeccionada pela professora de acordo com a necessidade específica de cada aluno. A escola oferece o básico e alguns materiais didáticos.

A maioria dos entrevistados diz que precisa, além do planejamento específico para cada

objetivo, confeccionar os materiais didáticos. Pelos relatos observamos que cada instituição tem a sua realidade, mas a maioria dos entrevistados disse ter à sua disposição materiais para a confecção. Observou-se que para este trabalho, além dos recursos físicos ou materiais o professor precisa adquirir atribuições, habilidades e muita criatividade. Ropoli et al (2010, p.25) afirma que “produzir materiais tais como textos transcritos, materiais didático-pedagógicos adequados, textos ampliados, gravados, como, também, poderá indicar a utilização de softwares e outros recursos tecnológicos disponíveis”.

Por isso, o professor da Educação Especial e Inclusiva precisa, se adequar a realidade das salas, e principalmente a sala de recurso, o planejamento e organização, de acordo com as demandas multifuncionais, para que a intervenção venha acontecer de forma efetiva, como descreve o MEC (2008) “o Atendimento Educacional Especializado (AEE) tem como função identificar, elaborar e organizar recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem as barreiras para a plena participação dos alunos, considerando suas necessidades específicas”.

Os professores foram solicitados a comentar se “Costuma fazer atualizações, como especializações, pós-graduação e outras formações, para que obtenha o máximo de conhecimentos e habilidades, na área da educação especial? A seguir são apresentados os comentários:

-Professor 1 - Sempre está fazendo atualizações e no momento está cursando o mestrado.

-Professor 2 - Quando se refere a cursos e especializações o professor diz que a secretaria de educação normalmente oferece de tempos em tempos, cursos de atualização, mas que esses são ineficazes, pois deveria ser ministrado por profissionais renomados e nas áreas mais específicas, respeitando cada síndrome.

-Professor 3 - A professora relata que realiza cursos e atualizações pois a educação especial exige a busca do conhecimento e a pesquisa constante, cada aluno tem suas necessidades individuais, materiais, recursos e metodologia que favoreçam o processo ensino/ aprendizagem. Apesar da educação especial ser uma política pública que atenda um público-alvo dentro das escolas, essa área deve ser de conhecimento de todos os profissionais que atuam nas escolas.

-Professor 4 - Faz atualizações, pois é um suporte para poder auxiliar os alunos.

-Professor 5 - Faz atualizações e está estudando o livro “Dificuldades de Aprendizagem” onde apresenta um contexto geral de várias deficiências, busca sempre cursos para melhorar a didática de ensino. Cursa pós-graduação em neuro psicopedagogia.

-Professor 6 - Sempre se qualifica em cursos que a própria instituição disponibiliza.

-Professor 7 - Faz especializações tanto as que são oferecidas pela secretaria de educação como também particular.

-Professor 8 - Constantemente realiza atualizações sem interrupções de

tempo, procura estar bem-informada e especializada nas habilidades da sua área. Procura estar ciente pelo menos do básico, considera ser importante para reduzir desigualdades e barreiras que atrapalham o desenvolvimento educacional e social de pessoas com alguma deficiência ou alta habilidade.

Todos os professores continuam participando de formações continuadas, para que possam ter mais conhecimento e habilidades e assim atuarem na educação especial e inclusiva. É notório que os atributos de um professor regular e um professor na área de educação especial e inclusiva são diferentes, uma vez que é exigido do professor da educação especial mais atributos para atender maiores demandas do aluno com deficiência. Seja na organização da didática, seja na sala de aula ou em outros espaços, mesmo que esse professor precise criar vários planejamentos diferentes, o que lhe é exigido e esperado, que alcance o desenvolvimento e aprendizagem do aluno. Por outro lado, é preciso dialogar sobre a qualidade e a relevância dessas formações.

Pensar sobre a formação de redes de saberes capazes de lidar com um espaço de atendimento especializado e com a dinâmica escolar inclusiva precisa considerar que serão necessários diferentes perfis de professores. Essa hipótese se respalda na caracterização das necessidades educacionais especiais, as quais podem exigir ações diversas como, por exemplo, o domínio de Libras, de Braille, de técnicas de ensino ou de elaboração de materiais (Braun; Vianna, 2011, p. 4).

Os entrevistados foram questionados se “Sente-se apoiado(a) e amparado(a) dentro com contexto escolar na escola em que atua? Comente sobre isso. Apresentaram as seguintes respostas:

-Professor 1 - A entrevistada disse que se sente apoiada dentro do ambiente escolar.

-Professor 2 – A entrevistada diz que o profissional da educação especial é geralmente visto com preconceito por parte da gestão escolar e demais colegas de profissão. “Infelizmente nos olham como profissionais inferiores. Essa situação deveria ser corrigida com uma maior conscientização.”

-Professor 3 – Sente-se apoiada pela equipe pedagógica que acompanha o processo de ensino e aprendizagem dos alunos e que auxiliam com informações e apoio quando o necessário. No momento estamos com um grande número de alunos e poucos profissionais para atender os alunos público-alvo da educação especial. A situação atual dificulta o trabalho em equipe, a troca entre professor do AEE, regente de sala, coordenação e orientação escolar. Mesmo com apoio da gestão escolar e equipe pedagógica ainda têm alguns professores, que fazem um discurso de que não acreditam na inclusão e que apresentam resistência de incluir as crianças com deficiência em suas aulas.

-Professor 4 – Sente-se apoiada nas trocas de conversas com os professores.

-Professor 5 – Sente-se apoiado por outros profissionais, sempre dispostos a auxiliar no que for preciso, seja necessidade emocional ou material.

-Professor 6 – Sente-se apoiada pela escola.

-Professor 7 - O apoio ainda é pouco no ambiente escolar, muita resistência a inclusão.

-Professor 8 - Depende muito do acolhimento que cada escola em particular oferece. A maioria dos colegas olham com certo receio, como que se o aluno especial não tivesse jeito de recuperação. O professor que atua na educação especial tem que ser forte, corajoso, determinado e confiante, pois, é muito difícil encontrar apoio de verdade. Alguns tentam seguir as normas com descaso, outros fazer por obrigação; pois um aluno “normal” já é desafiador, um especial.

Sobre as questões de apoio dentro da escola, foi possível observar que a maioria diz ter acolhimento e uma minoria diz que não se sentem apoiados por outros colegas de profissão, e que sentem até um certo preconceito. Os dados mostram a importância de se destacar essa realidade, mesmo que seja minoria, os dados levantados nesse estudo revelam que ainda que se precisa trabalhar dentro do ambiente escolar, a mentalidade da inclusão.

Os sistemas educacionais constituídos a partir da oposição - alunos normais e alunos especiais - sentem-se abalados com a proposta inclusiva de educação, pois não só criaram espaços educacionais distintos para seus alunos, a partir de uma identidade específica, como também esses espaços estão organizados pedagogicamente para manter tal separação, definindo as atribuições de seus professores, currículos, programas, avaliações e promoções dos que fazem parte de cada um desses espaços. Os que têm o poder de dividir são os que classificam, formam conjuntos, escolhem os atributos que definem os alunos e demarcam os espaços, decidem quem fica e quem sai destes quem é incluído ou excluído dos agrupamentos escolares (Ropoli e et al, 2010, p. 7).

As questões sobre a discriminação dentro do ambiente escolar, são situações que não são debatidas ou se são, ocorrem em poucas ocasiões. Segundo Candau (2022, p.31), dentro das instituições como as universidades, há a dificuldade de combater ações de discriminação, seja racial ou social pois, existe uma ideia fixa, de que nesses espaços escolares, a presença de atitudes preconceituosas ou discriminatórias são inexistentes, uma forma de camuflar esse cenário, dificultando nas alternativas de soluções assertivas, no combate à discriminação, e principalmente falando de professores da educação regular e professores da educação especial e inclusiva.

Ao serem questionados sobre se “Sente-se apoiado (a) e amparado(a) pela família do aluno com deficiência? Os professores formularam as seguintes respostas:

-Professor 1 – Afirma ter o apoio dos familiares.

-Professor 2 - O professor relatou que na maioria das vezes, a família é bem

receptiva, as famílias geralmente entendem a importância do professor no processo educacional dos alunos, daí surge o reconhecimento.

-Professor 3 – Sente-se apoiada na sua maioria pelas famílias destes alunos, o professor de AEE tem essa aproximação com a família desde o primeiro contato para o estudo de caso e atualmente as famílias estão conscientes que é necessário acompanhar e participar do processo escolar e que o resultado depende do esforço em conjunto família/escola.

-Professor 4 - Não tem contato com a família dos alunos.

-Professor 5 – Sente-se apoiada na sua maioria pelas famílias destes alunos, o professor de AEE tem essa aproximação com a família desde o primeiro contato para o estudo de caso e atualmente as famílias estão conscientes que é necessário acompanhar e participar do processo escolar e que o resultado depende do esforço em conjunto família/escola.

-Professor 6 – Sente-se apoiada pela família dos alunos.

-Professor 7 - Diz que recebe apoio dos pais que procuram a participar mesmo na sala de recursos.

-Professor 8 - Não teve respostas.

O apoio da família é de extrema importância para um trabalho interdisciplinar, compreender as peculiaridades do aluno ajuda o professor no planejamento das estratégias do ensino e aprendizagem que colaboram para o desenvolvimento do aluno com deficiência. A participação da família tem grande importância na vida emocional, social do aluno com deficiência e de grande ajuda ao professor e a escola como um todo, e ao contrário do que se é esperado poderá trazer grandes prejuízos a vida da criança principalmente com necessidades especiais.

O esperado seria que pais empoderados não oferecessem um ambiente domiciliar pobre em estimulação e apoio à criança, pois, se obtém acesso a conhecimentos, habilidades e recursos que os capacitam a ganhar controle positivo de suas vidas, bem como melhorar a qualidade de seus estilos de vida, deveriam se comprometer mais com a disponibilização de matérias de aprendizagem, estimular o desenvolvimento da linguagem, envolver-se diretamente com a aprendizagem da criança e encorajar a aquisição de habilidades e conhecimento, entre outros (Silva; Aiello, 2009, p.502).

Na questão 7, os professores foram solicitados a comentar sobre “Quais foram as suas maiores frustrações/dificuldades diante do desafio de lecionar para crianças com deficiência? Como lida com isso? Responderam que:

-Professor 1 - Relata que uma das maiores dificuldades em seu ponto de vista, é a falta de mais materiais em Libras, portanto tem de adaptar ou adequar a sua grande maioria. Outra problemática refere-se aos professores, poucos possuem especialização específica para atuar como professor de apoio, alguns não sabem como ligar um computador. E ressalta que sempre que inicia um novo professor que precisa ser acompanhado e assim prejudicando um pouco o tempo de aula dos alunos, tempo esse para que o profissional se qualifique.

-Professor 2 - Sobre as dificuldades e desafios o candidato 2, disse que sem dúvida é a falta de apoio do poder público, colegas e gestores. “Lidamos com isso procurando sempre desenvolver um trabalho de excelência para com esses alunos, mostrando que nosso trabalho é muito importante”.

-Professor 3 - Segundo a entrevistada, a maior dificuldade no decorrer dos 10 anos em que atua, é a demanda da escola, tem muitos alunos com deficiência, sendo público-alvo da Educação Especial e observou que quando o número de alunos é menor o trabalho apresenta melhores resultados.

-Professor 4 - Salas de aula superlotadas, o desenvolvimento que fica abaixo do que é esperado, a forma que lida com essa situação é buscar uma forma lúdica para trabalhar, usando palavras de incentivo tanto para o aluno como para os professores.

-Professor 5 - Sobre as frustrações, ou quando alguém não acredita na capacidade do especial. E nas dificuldades, quando o aluno precisa de regulação, para depois ministrar o pedagógico.

-Professor 6 - Se sente incapaz diante de algumas crises dos alunos, pois lida com uma autista severa.

-Professor 7 - O desrespeito da maioria dos profissionais da escola, a sobrecarga do trabalho junto aos alunos com deficiência. Ainda tenta divulgar e explicar sobre educação especial, procurando aliados e planejando ações que colaborem com a formação e o entendimento do processo do processo de ensino e aprendizagem para alunos com deficiência.

-Professor 8 - A burocracia que é cobrada por cada aluno. Alguns coordenadores são exigentes quando faltamos com algo simples e fazem vista grossa quando eles esquecem ou falham com assuntos da responsabilidade deles. Tem coordenadora que induz ao erro e depois tira a responsabilidade fora e ainda te dá uma nota baixa. Esse tipo de cobrança vivenciei este ano. “Dar aula e lidar com os alunos para mim é prazeroso. Agora conviver pessoas adultas que não sabem lidar com seus próprios sentimentos, é desanimador e cansativo. Isso inclui não só superiores, mas os pais alunos também.”

Podemos observar que as maiores frustrações dos professores da Educação Especial, retratam as dificuldades em lecionar, seja por falta de materiais didáticos apropriados que já venham prontos, seja por causa do preconceito de pessoas, dentro do ambiente escolar que desacredita no desenvolvimento do aluno com deficiência, e que a falta de preparo dos professores sobrecarrega aqueles que estão à frente do trabalho, a falta de auxílio por parte da coordenação escolar, também foi outro ponto citado pelos professores entrevistados.

Os dados dessa questão contradizem a questão de número 5. Geralmente o fator que se destaca é a falta de formação, instrução e conhecimentos, para que o professor tenha as capacidades de enfrentamentos e tenha o controle e saiba o que fazer e como executar, e receba o apoio necessário do corpo escolar.

Porém, observa-se uma fraca formação ou preparação dos professores

moçambicanos para lidar com alunos portadores de NEE, tanto nas escolas regulares como nas escolas e nos centros específicos (MINED, 2013). A deficiência ou falta de preparo dos professores para o processo de inclusão é apontada como uma das principais fontes geradoras de estresse nesse grupo profissional (Aliante, Abacar e Pereira, 2019, p. 164-165).

A questão 8 pretende abordar aspectos das cobranças diárias que é notório saber a respeito da profissão do professor, sejam essas cobranças de pais, da gestão escolar, da comunidades em geral e dos próprios alunos, para saber mais sobre esse aspecto foi perguntando “Para você, quais são as maiores exigências e cobranças vivenciadas na carreira docente?”

-Professor 1 - Ela diz que por ser professora da sala de recursos em Libras e atuar com os demais funcionários da educação especial no geral, faltam muitos profissionais, e tem que se deslocar da sua função e tentar encontrar outros professores para substituir aquele professor que faltou ou que está de atestado.

-Professor 2 - Assuntos técnicos e a coordenação dessa área exigem uma série de documento e tutoriais completamente inúteis e sem correlação direta com o trabalho, tirando de nós um tempo precioso que poderia ser dispensado para os alunos.

-Professor 3 - Para o professor da educação especial a exigência de muitos instrumentos(documentos) como Estudo de Caso/ Plano do AEE/ Relatório Semestral/Planejamento em grupo ou individual e a organização dos atendimentos conforme a necessidade do grupo. Dar conta de toda a parte burocrática e do atendimento educacional especializado conforme as deficiências que são diversas e não uma em específico é muita cobrança mesmo, que requer muita responsabilidade.

-Professor 4 - O aluno não sabe ler, não houve progresso na escrita desse aluno tem dificuldade em relacionar com os colegas.

-Professor 5 - Estar sempre atualizado, tanto com as leis como com as deficiências, o que há de novas estratégias para utilizar.

-Professor 6 - Responsabilidade, onde na verdade não é para ser exigida e sim o professor tem que ter.

-Professor 7 - Cumprir com várias atividades e tarefas ao mesmo tempo, lidar com as necessidades de cada aluno. O preenchimento de vários formulários e fichas, a parte mais burocrática juntamente com a falta de apoio e uma orientação correta por parte da coordenação pedagógica, que em sua grande maioria cobra muito dos professores.

-Professor 8 - A burocracia que é cobrada por cada aluno.

As exigências feitas ao professor da Educação Especial trazem também uma sensação de impotência, de fracasso. É gerado uma expectativa acerca do trabalho docente que espera, que ele sane todas as dificuldades e necessidades dos alunos com deficiência, e que ao final o aluno consiga adquirir o conhecimento.

Levando em consideração as especificidades de cada criança com deficiência, é

preciso estar preparado para que o aluno possa se desenvolver e aprender, alguns poderão alcançar até certo ponto o conhecimento, e outros por causa das limitações em decorrência da deficiência, poderão não corresponder com o que lhe é proposto e esperado. O professor da educação especial é intermediador do conhecimento, não se pode esperar que uma “cura” ou a resolução de todos os desafios seja feita pelo docente, a inclusão está também na aceitação das condições e dos resultados.

Isso não significa dizer que os jovens não deveriam considerar as relações culturais ou que os jovens não deveriam ter acesso à informação disponível. Significa, entretanto, insistir que as relações culturais e a informação de qualquer tipo devem ser tomadas como sintomáticas e não como curativas e finais, devem ser tomadas como sujeitas ao trabalho daqueles que discutem seus infinitos significados (Louro, 2018, p.77).

Questões mais burocráticas como preenchimento de formulários, relatórios, fichas avaliativas, plano do AEE, planejamentos em geral e outros documentos, que também ficam na responsabilidade desse professor, procedimentos em que muitas das vezes, professores precisam se desdobrar fazer turnos extras, comprometendo seu tempo de descanso e consiga cumprir com essa demanda.

Muitas decisões precisam ser tomadas pelas escolas ao elaborarem seus Projetos Político Pedagógicos, entre as quais destacamos algumas, que estão diretamente relacionadas com as mudanças que se alinham aos propósitos da inclusão: fazer da aprendizagem o eixo das escolas, garantindo o tempo necessário para que todos possam aprender; reprovar a repetência; abrir espaço para que a cooperação, o diálogo, a solidariedade, a criatividade e o espírito crítico sejam praticados por seus professores, gestores, funcionários e alunos, pois essas são habilidades mínimas para o exercício da verdadeira cidadania; valorizar e formar continuamente o professor, para que ele possa atualizar-se e ministrar um ensino de qualidade (Ropoli et al, 2011, p.13 e 14).

Questionados sobre “9- Como lidam com os seus sentimentos diante das necessidades e particularidade de seus alunos? Responderam que:

-Professor 1 - Gosta do que faz, tenta não passar insatisfações ou problemas para os alunos, pois eles são a melhor parte do processo.

-Professor 2 – A entrevistada diz que os sentimentos diante das necessidades da criança com deficiência, em que muitas das situações, se sentem impotentes devido a tudo que vivenciam no ambiente escolar, e esse sentimento de impotência de alguma forma afeta a relação com os alunos.

-Professor 3 - Relata que por ser uma pessoa com deficiência, sabe bem da importância do conhecimento e de ter autonomia na vida adulta, diz que se incomoda com as barreiras e situações em que não pode fazer intervenções. A busca para compreender que cada aluno tem seu contexto familiar, troca informações com outros professores da sala de recurso para amenizar a sua ansiedade e buscar terapias com psicólogos antes da pandemia e pós

pandemia, avalia o que precisa ser retomado. A troca de diálogos entre os profissionais, falar sobre as dificuldades também tem ajudado muito a sua equipe da escola.

-Professor 4 - Sempre que for possível tornar a sala de aula um lugar seguro e que pode confiar no professor, não conseguem resolver tudo, mas tentam.

-Professor 5 - Já sofreu muito e se frustrou, mas com o passar do tempo compreendeu que cada um tem seu tempo de aprendizagem, cabe ao profissional criar estratégias para ajudá-lo, depende do seu nível de cognição para aprender.

-Professor 6 - Tenta sempre resolver e acolher o aluno.

-Professor 7 - Digo que procura fazer o melhor, mas as vezes me sinto frustrada diante das barreiras.

-Professor 8 Cada aluno é um mundo de sentimentos e necessidades. Trabalhar em escola municipal, diz que é interessante trabalhar com um projeto de ensino que tenha como objetivo atender todos os alunos com equidade. Fez um projeto sobre valores e todos os dias conversa e orienta seus alunos a lidarem com seus próprios sentimentos e emoções. Fazendo assim, consegue que cada um respeite o seu próprio ritmo de aprendizado melhorando o daqueles que apresentem evolução lenta.

Uma das barreiras que os professores enfrentam, sobre as expectativas geradas, na espera ansiosa por resultados rápidos. Além das limitações de alguns recursos, o professor precisa estar preparado tecnicamente com conhecimentos, e psicologicamente para analisar as demandas de cada aluno. Respeitar e compreender o quanto esse aluno vai conseguir se desenvolver e absorver o que lhe é ensinado.

Através dos dados coletados, pode-se observar que a maioria dos professores teve o sentimento de frustração devido aos problemas que enfrentam no seu dia a dia. Já em uma classe de ensino regular, o professor, quando precisa mudar a rota, depois de perceber que seu plano de aula não alcançou o que era esperado, pode se sentir frustrado e desanimado. Já o professor da Educação Especial enfrenta outra barreira, a compreensão cognitiva de seu aluno, talvez esse professor tenha que desenvolver vários planos, retomar a rota por diversas vezes na tentativa de que o aluno compreenda e aprenda o mínimo possível, considerando as peculiaridades de cada criança.

A inclusão pode ser vista como o primeiro passo numa operação de ordenamento, pois é preciso a aproximação com o outro, para que se dê um primeiro (re)conhecimento, para que se estabeleça algum saber, por menor que seja, acerca desse outro. Detectada alguma diferença, se estabelece um estranhamento, seguido de uma oposição por dicotomia: o mesmo não se identifica com o outro, que agora é um estranho (Veiga Neto, 2001, p. 26, 2001).

Solicitados a comentarem sobre se “Já houve momentos em que pensou em desistir da profissão? Porquê?” Obteve-se as seguintes respostas:

-Professor 1 - Com frequência, nos últimos dias pensava em desistir, com a desvalorização da classe. Para as formações continuadas não há ajuda financeira ou incentivo para cursar um mestrado ou doutorado, e utilizar nos dias de PL livre da escola para os estudos complementares. A professora destaca que em outra gestão da prefeitura da cidade, eram incentivadas nas formações continuadas e realizei nessa época duas pós-graduações gratuitas pela Rede Municipal de Educação (REME).

Professor 2 - Professor disse que por várias vezes cogitou parar de lecionar, e sobretudo a falta de apoio e condições que lhe são negados.

-Professor 3 - Disse que da carreira de professora não, pois todos os professores fazem um investimento na formação e nunca pensou em desistir, apesar das dificuldades gosta de acreditar no que faz, porém pretende sair da educação especial por causa do cenário atual de desvalorização docente.

-Professor 4 - Já pensou em desistir muitas vezes, por causa principalmente das cobranças da instituição de trabalho.

-Professor 5 - Nunca pensou em desistir, pois é apaixonada pelo trabalho e em ajudar os alunos a terem uma melhor qualidade de vida.

-Professor 6 - Não pensa em abandonar a profissão, pois ama o que faz.

-Professor 7 - Já pensou em desistir, justamente pelo estresse.

-Professor 8 - Teve momentos em que pensou em desistir. Quando um superior deu ênfase a fofocas das professoras de educação especial, e foi até a escola onde atendia duas crianças especiais. “Ele foi armado de palavras ríspidas para “conversar” comigo. Ele nem me conhecia. Eu, novata, me aproximei ansiosa em conversar pela primeira vez com alguém da central da educação, criei grandes expectativas e me frustrei. Entendi que não importa o cargo que a pessoa exerce, tem que ter ética profissional e pensar com a própria cabeça e não com a dos outros. Foi o ano que dei o melhor de mim no trabalho e despertou inveja a alguns colegas.”

A grande parte dos professores já pensou em desistir de lecionar, em abandonar a carreira. O cenário do professor da Educação Especial é mais estressante e desafiador, pois precisa estar sempre fazendo atualizações e formações para ter mais habilidades e conhecimentos, que possam ajudá-lo no processo de ensino e aprendizagem. Muitas dessas formações são custeadas pelo próprio professor, pois o governo não oferece uma ajuda financeira ao profissional, fora outras questões como tempo para esses estudos, junto com sua rotina escolar, planejamento de aulas e as confecções de materiais didáticos.

Outra característica que observamos, é sobre a ideia de que somente o professor de educação especial e inclusiva é o responsável pelo aluno com deficiência, essa atitude reforça a exclusão dentro da própria escola. Observamos que as cobranças são enormes, referindo-se ao trabalho desse professor, e que na maioria das ocasiões, tanto o aluno como o professor sofrem pela exclusão e a falta de apoio e preparo do corpo docente e funcionários da escola.

Todavia, nem a formação, nem o AEE devem se caracterizar, por si só, como ações capazes de preencher as lacunas face às demandas de um “novo” espaço educativo que agora as escolas devem oferecer aos alunos com especificidades em seus processos de aprendizagem. Se assim for, reforçamos

um discurso artificioso, pois não há como dar conta de todas as demandas do sistema escolar, somente a partir da formação ou da organização de uma nova sala (do AEE). A escola com toda e em toda a sua complexidade precisa ser repensada, analisada; o conjunto precisa ser melhorado (Braun; Vianna, 2011, p.5)

Em relação a salário, os professores pesquisados foram questionados “Sobre a remuneração, você se considera valorizado? Porquê?”

-Professor 1 - Ainda falando sobre a valorização do professor na questão de remuneração, por mais que na nossa região o salário do professor seja um dos mais altos do que outras regiões do Brasil, deveria ser melhor, ter um reajuste anual digno e não fique no " salário-mínimo" para professores.

-Professor 2 - A remuneração para os docentes de modo geral já é insuficiente, considerando que nem sequer o piso nacional conseguimos receber ainda. Sem dúvidas a melhoria das remunerações, seria um passo importante.

-Professor 3 – Relata que não se sente valorizada, trabalha 40 horas e diz que por mais que seja um bom salário, não faz jus aos investimentos que fez na sua formação, muitos anos de estudos e o professor sempre está estudando e atualizando, levando trabalhos para casa.

-Professor 4 - Não se considera valorizado em questões de remuneração para realizar formações, especialização e ainda tem que pagar o sustento da família.

-Professor 5 - Não considera ser valorizada, pois sempre precisam estar atualizando, fazendo cursos e comprar materiais.

-Professor 6 - Acredita estar muito abaixo do valor (remuneração) pelo que é executado em sala de aula.

-Professor 7 - Não se considera valorizada.

-Professor 8 – Não se sente valorizada em relação ao salário que recebe.

Sobre a análise da remuneração dos profissionais da Educação Especial, observamos que muito professores estão insatisfeitos com a base salarial e seus reajustes. Pois na modalidade da Educação Especial, o professor precisa estar em constante aprendizagem e evolução, o que não implica somente em adquirir conhecimentos didáticos, com metodologias escolares, porém estudar sobre a deficiência em questão do seu aluno, observando as dificuldades, seja motora, cognitiva, limitações sensoriais, os desafios das interações sociais e do próprio desenvolvimento do aluno.

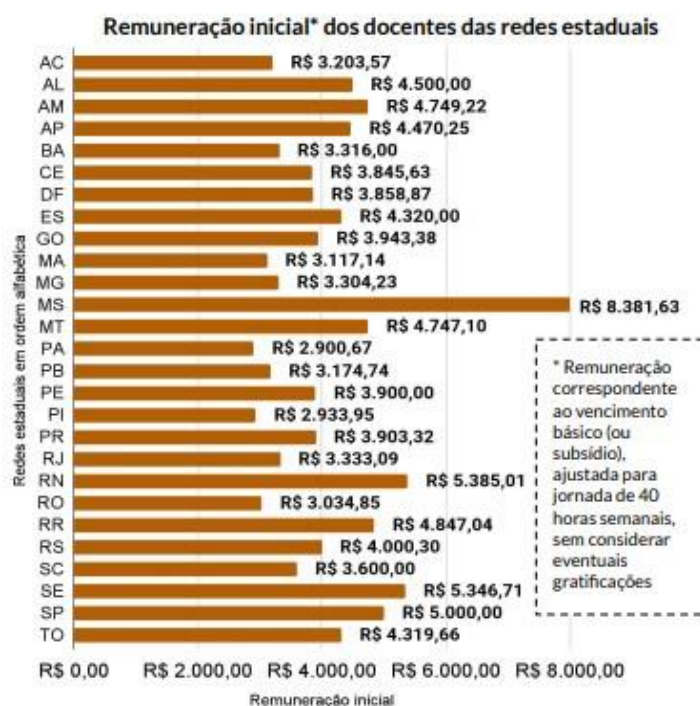
Por isso o professor de educação especial sofre uma maior cobrança sobre o seu trabalho, onde tem que desempenhar a função de professor, terapeuta e cuidador. E por isso o professor tem uma demanda com mais exigências para suprir as necessidades do aluno com deficiência.

Entretanto, importante frisar que oferecer incentivos e condições para os docentes se qualificarem é tão necessário quanto a oferta das formações. É imprescindível ofertar a formação como também garantir a participação dos

docentes por meio de suportes tais como: liberação, redução da carga horaria, afastamento total ou parcial (caso necessário), incentivos financeiros (gratificações, adicionais, entre outros), haja visto que, de forma geral, a sobrecarga de trabalho e a desvalorização salarial são alguns dos fatores que contribuem para limitar e desmotivar esses profissionais a buscarem qualificação (Rodrigues; Sales, 2024, p.13).

Se fizermos uma comparação de média salarial entre todos os estados brasileiros, podemos identificar que o Estado de Mato Grosso do Sul, é onde o professor tem uma melhor e maior remuneração salarial, segundo o que está descrito no site da Sed.MS, com salários iniciais de R\$ 8.381,63 para professor graduado com carga de 40h/aula.

Figura 6 – Gráficos comparativo de salários dos professores



Fonte: SED/MS.

Ao serem perguntados sobre se “Tem dificuldades com as novas tecnologias? Cite-as?” Responderam que:

Professor 1 - Não sente dificuldades com as novas tecnologias, a professora disse que domina bem todas as tecnologias.

Professor 2 - Não tem dificuldades com novas tecnologias

Professor 3 - Não tem dificuldades com novas tecnologias, gosta de trabalhar com elas, mas relata que as escolas estão ultrapassadas e não tem equipamentos. Diz ter a impressão de que os alunos estão na era tecnológica, porém os professores ainda com métodos tradicionais de ensino,

principalmente por falta de equipamento nas salas de aula. “Precisamos aprender a usar a tecnologia a nosso favor e buscar formações de como esses recursos tecnológicos com os alunos com deficiências múltiplas e paralisia cerebral.

Professor 4 - Tem dificuldades nas novas tecnologias, principalmente nos programas que dizem facilitar nossas vidas.

Professor 5 - Não sente dificuldades com as novas tecnologias.

Professor 6 - Não tem dificuldades com as novas tecnologias

Professor 7 - Sente um pouco de dificuldades com as novas tecnologias, com Softwares ainda tem algumas dificuldades.

Professor 8 - Não sente dificuldades. Está fazendo cursos sobre a inteligência artificial “é fascinante esse mundo tecnológico. Quero sempre estar atualizada.”

Sobre como as novas tecnologias, auxiliam muito no dia a dia do professor, tanto no planejamento e organização metodológica. Muito deles já se adaptaram bem a essas novas tecnologias, apesar de alguns dos equipamentos oferecidos pelas instituições de ensino sejam ultrapassados e não acompanhem as evoluções, o que de certa forma causa uma barreira. Já a minoria dos professores dizem que ainda sentem dificuldades com as novas tecnologias.

Que as tecnologias estão para auxiliar o professor de educação especial, isso já é uma realidade, porém é preciso analisar com cautela quais as desvantagens nesse processo. Analisar as altas horas de exposições frente as telas, o número enorme de informações, o que de fato será aproveitado por este professor? Pois um dos papéis da escola, ainda se tratando da Educação Especial seria a aprendizagem da socialização, uma vez que tais tecnologias podem reforçar a individualização e o isolamento.

Com o avanço das novas tecnologias e do acesso a tantas imagens e a tanta informação, talvez tenhamos chegado a um momento extremo no processo de individuação e classificação dos sujeitos, para a intensificação do controle sobre a sociedade (Fischer, 2005, p.22).

Questionados se “Frequenta alguma terapia (ou utiliza outras estratégias de enfrentamento - artesanatos, atividades físicas, filmes/séries etc.), segue abaixo as repostas dadas pelos respondentes:

-Professor 1 - Diz que lida com as frustrações comendo.

-Professor 2 - Já frequentou terapia, é praticante regular de atividades físicas.

-Professor 3 - Relata que no momento está afastada das terapias com psicólogos, mas gosta de pedalar e assistir filmes e séries. Também gosta dos trabalhos manuais como pintura em tecido, mas no momento não está com tempo para desenvolver essas atividades.

-Professor 4 - Vai a igreja, faz caminhada, assiste séries como as Doramas (séries coreanas) e leitura.

-Professor 5 - Não faz nenhuma terapia, mas pratica atividade física.

-Professor 6 - Não faz nenhuma terapia.

-Professor 7 - Faz terapias com psicóloga e assiste filmes e séries em plataformas.

-Professor 8 - Segundo a professora, fazer terapia é fundamental para quem trabalha com pessoas. Pratica atividades físicas, meditação, frequenta grupos evangélicos e a espiritualidade. Tem um jardim em casa. Tem animais. Isso é muito prazeroso.

Sobre estratégia de enfrentamento para aliviar a tensão e o estresse causado pelo dia a dia difícil do professor, muitos tiveram contato com terapias alguns continuam, outros não, alguns fazem atividades físicas, o que auxilia além do preparo físico, a distração, assim aliviando a sensação de cansaço mental também.

Outros gostam de ler, assistir séries, sair para conversar com outras pessoas diferentes do meio em que sempre estão inseridas. Quando são hábitos saudáveis, os resultados são melhores e funcionam de forma terapêutica. Entretanto existem formas de enfrentamentos que não trazem benefícios para os indivíduos como, comer compulsivamente, a ingestão de bebidas alcóolicas em excesso, ou uso de medicações e tranquilizantes sem o acompanhamento do médico.

Assim, de modo a evitar a cronicidade dos estressores e a preservar a saúde dos professores, as situações de estresse identificadas neste estudo podem ser amenizadas ou, preferencialmente, eliminadas, pela melhoria dos aspectos estressores e por meio de informações sobre o estresse, bem-estar em ações de formação continuada do professor (Aliante, Abacar e Pereira, 2019, p. 178).

Outro questionamento foi em relação a comentarem se “Pretendem continuar atuando com alunos da educação especial? Comentaram que:

Professor 1 - Pretende continuar atuando na educação especial, porém se passar em um concurso público federal irá mudar de área.

Professor 2 – A professora não leciona mais, deixou de atuar na educação em 2020, por ter assumido concurso público como docente.

Professor 3 - Não pretende, a demanda tem crescido nos últimos anos e reduzido o número de profissionais de apoio que atenda a Educação Especial, assim sobrecarregando os professores da sala de recursos. Diz ter tido um câncer de mama e precisa da sua saúde mental e física, tem se sentindo cansada e quer se afastar por um tempo da Educação Especial.

Professor 4 - Pretende continuar pois é gratificante ver o aluno lendo e escrevendo.

Professor 5 - Pretende sim continuar na profissão e diz que sempre vai estar com eles e é grata por cada dia.

Professor 6 - Pretende continuar na profissão pois ama, porém, o desafio é constante.

Professor 7 - Pretende permanecer na educação especial.

Professor 8 - Pretende continuar, pensa em administrar ou supervisionar equipes nesta área tão carente de profissionais de excelência. “Estou começando “baixo”, na periferia para quando eu conseguir alcançar meu

objetivo, eu falar com propriedade e conhecimento na área.

Debatendo sobre o desejo de continuar à frente na Educação Especial, os entrevistados se dividem em dois grupos, dos 8 participantes, 3 dizem ter a intenção de mudar de área de atuação, 1 já não leciona mais, porém ocupa um cargo público, os demais professores dizem que vão continuar, pois sentem satisfação em ver o desenvolvimento e evolução dos alunos com deficiência.

Observamos um contexto em que cabe várias análises, por um lado professores cansados e sobrecarregados, que nos relatam o aumento no número de alunos com deficiência em sala de aula, em contrapartida um menor número de professores da educação especial que possam auxiliar os alunos na sala de recursos. E muita das vezes o professor está com mais crianças do que é estabelecido por lei, ou colocam professores sem ter uma formação necessária adequada para lidar com as demandas do aluno com deficiência.

Por outro lado, precisamos destacar os profissionais que se identificam com o lecionar especial. Onde o perfil do professor precisa ter esse olhar de inclusão e empatia, ter uma atitude acolhedora e analítica, e que consiga planejar, executar sua didática para alcançar o desenvolvimento e sucesso na aprendizagem, sempre respeitando e levando em consideração as especificidades do aluno com deficiência.

E, ainda que possa parecer, é relevante lembrarmos que o Atendimento Educacional Especializado não é único espaço responsável pela organização das estratégias de ensino para o aluno com especificidades no processo de ensino e aprendizagem. Mas nele pode e deve se caracterizar, a partir de uma atuação colaborativa entre professores, a elaboração de uma rede de saberes para ensinar o aluno tanto em momentos específicos como o AEE, quanto na sala de aula (Braun; Vianna, 2011, p.5).

Os entrevistados foram solicitados a “Fazer um breve relato apresentando o que precisa ser revisto e mudado, e apresentando algumas sugestões de ações que auxilie no processo de ensino e aprendizagem, que melhore as práticas didáticas e assim contribua com a vida do professor da educação especial. Obteve-se as seguintes assertivas:

-Professor 1 - Na visão da professora, poderia ter mais investimento, como salários mais valorizados, ter um ou dois profissionais de sobreaviso, assim os professores de apoio possam ter um momento para organizar os materiais e para adequação de outros materiais. Uma pessoa por escola só para coordenação da educação especial e que não seja a professora da sala de recursos, assim para que a professora fique exclusivamente no atendimento aos alunos com necessidades especiais, estimulando as potencialidades durante as aulas na sala de recurso. Existe uma técnica da SEMED que atende as escolas, porém poderia ter mais profissionais que exerce esse trabalho,

atendendo um número menor de escola e assim ficando um tempo maior em cada escola. Segundo a professora que poderia ter mais materiais e jogos exclusivos para a educação especial, principalmente aparelhos tecnológicos para auxiliar crianças com deficiência ou TEA nos níveis de suporte mais elevado.

-Professor 2 - Expõe que precisa ser revisado de modo bem geral, como suas respostas anteriores, que seria melhores condições de trabalho e maior reconhecimento dos profissionais da área.

-Professor 3 - A política da Educação Especial em determinado período avançou e efetivou o trabalho dentro das escolas e nos últimos anos retrocedeu. Apenas a sala de recursos não é suficiente para atender toda a demanda, principalmente as escolas que têm uma diversidade de deficiências. Aas necessidades de formar todos os profissionais que atuam na escola e informar que os alunos com deficiência é aluno da escola e de todos não apenas da educação especial. Desenvolver trabalhos com os familiares sobre a necessidade da disciplina e da autonomia das crianças com deficiências, de aprender a se alimentar sozinhos e fazer sua higiene. Ampliar as vagas da educação infantil para as crianças com deficiência, pois esse público precisa chegar mais cedo nas escolas. Os alunos com múltiplas deficiências e TEA sem comunicação, necessitam de sala de aula com número de alunos reduzidos, a tecnologia assistida e professores com formação específica, aumentar o número de profissionais para atender a Educação Especial nas escolas.

-Professor 4 - A valorização como profissional, ter acesso ao planejamento do professor com antecedência para preparar a aula, acesso a sala de informática da escola para uso do aluno, profissionais preparados para atender os alunos.

-Professor 5 - É preciso observar as habilidades que o aluno tem, sua aprendizagem pedagógica, para assim ser orientado de acordo com sua necessidade pedagógica. Para melhorar a prática, cursos envolvendo a prática de ensino para as deficiências que o apoio está atendendo, recursos para criar os materiais pedagógicos.

-Professor 6 - A Educação Especial tem a necessidade de ser mais valorizada, em todo os aspectos. Sobre a didática desenvolvida com aluno em sala de aula, nunca ficar preso no laudo acreditando que aluno não é capaz de avançar, na verdade ele nos surpreende no dia a dia em sala.

-Professor 7 - Precisa ser revisto concursos públicos, apoio nas salas de aula.

-Professor 8 - Precisa ser revisto a gestão da escola. Algumas sugestões de ações que auxiliam no processo de ensino- aprendizagem seria uma mudança no ambiente escolar. Bem sabemos que o clima influencia diretamente nas interações entre as pessoas. Um ambiente saudável é necessário para garantir bons relacionamentos e o desenvolvimento dos educandos. Manter uma comunicação efetiva e promover trocas de conhecimentos que reflitam diretamente na qualidade de ensino. Integrar escola e comunidade é fundamental para o processo de ensino e aprendizagem do aluno nesta ocasião podem ser oferecidos oficinas de artesanato para os pais ou promover gincanas ou sessões de cinema ou cursos livres como a educação financeira por exemplo. a escola investir em tecnologia é muito importante. Games interativos e pedagógicos. E praticar a gestão de bons exemplos pois a atuação do gestor é determinante para a construção de um ambiente escolar acolhedor e saudável para formar pessoas.

Dentro das narrativas do que precisa ser revisto, podemos destacar alguns tópicos: como

a revisão do planejamento escolar, dentro das necessidades da Educação Especial, entender que o aluno é de responsabilidade de todos e precisa ser incluído por todo o corpo docente e discente, não somente na sala de recursos e não somente pelo professor de educação especial, toda escola tem que estar preparada para lidar com o aluno com deficiência, seja desde a coordenação da escola, como os professores e alunos do ensino regular, os funcionários das cantinas e espaço externo e etc.

Vale lembrar, porém, que, para além das diferenças individuais de caráter psicológico e da identidade cultural de classe, a perspectiva intercultural, uma das versões do multiculturalismo, propõe rever a própria noção de identidade unificada e estável, questionando o essencialismo que sustenta essa noção e favorecendo, desse modo, a crítica às diversas formas que o preconceito pode assumir na sala de aula (Candau, 2005, p.14).

Outra questão muito falada foi sobre o professor da educação especial são as condições do trabalho. Muitas vezes ele próprio precisa confeccionar materiais didáticos, o que leva um maior tempo e dedicação, já que o mercado pedagógico também precisa se atualizar dentro da Educação Especial e Inclusiva, entender que o cenário escolar vem surgindo outras demandas.

Entende-se que o professor de educação especial precisa desempenhar muitas funções, e encontra várias ferramentas que o ajude no sucesso da aprendizagem, além disso saber lidar com as questões sensoriais e cognitivas do seu aluno com deficiência, um alto desgaste constante, desvalorização salarial, maiores responsabilidades e cobranças, e a falta de apoio e coordenação por parte administração escolar.

A expansão da escolaridade e a consequente universalização do ensino fundamental nas redes públicas brasileiras trouxeram um maior contingente para o sistema educativo e maior complexidade das demandas apresentadas à escola. Essas demandas chegaram à escola sem que as condições objetivas de atendimento fossem adequadas à nova situação, o que tem resultado em intensificação do trabalho docente (Assunção; Oliveira, 2011, p. 366).

Em relação aos aspectos de saúde mental os professores foram solicitados a responder “O que você entende por estresse?” Responderam que:

-Professor 1 - A professora disse que estresse são os momentos de cansaço, dor e pressão.

-Professor 2 - Entende por estresse toda e qualquer situação que traz decepções, frustrações contrariedades que são dirigidas no dia a dia trazem estresse.

-Professor 3 - Disse que é quando se sente cansaço físico e mental.

-Professor 4 - Cansaço e esgotamento, por causa de situações que não são resolvidas.

-Professor 5 - Quando você ama o que faz, mesmo assim sente-se

desestimulado e sem vontade de executar.

-Professor 6 - Acredita por acúmulo de várias atividades que não consegue concluir, mas, porém, é adicionado pelo ser humano.

-Professor 7 – Entende-se por estresse a irritação e descontentamento.

-Professor 8 - É desafiador. Tudo depende do estado emocional e preparo do professor frente ao cotidiano escolar. Eu atribuo esse estresse à sobrecarga de serviço e a pouca preocupação em fornecer subsídios necessários ao trabalho dos professores junto à diversidade. São muitos alunos para cada professor.

Diante do cenário da Educação Especial pelas altas exigências e diversos agentes estressores, saber e entender o que significa o Estresse Ocupacional e saber identificar suas causas e seus sintomas, assim o professor poderá utilizar-se das ferramentas de enfrentamentos.

Quando analisamos os sintomas em que descrevem o estresse muitos são citados como: irritabilidade, tristeza, cansaço físico e mental crônico, dores de cabeça, dores pelo corpo etc., levando ao desestímulo, frustração, sobrecarga do trabalho, sendo responsável por um número maior de alunos, e a falta do apoio e trabalho em conjunto e preparo organizacional da equipe de coordenação escolar.

Determinados fatores de estresse laboral presentes na profissão docente, provavelmente ganham intensidade diferenciada em função dos contextos onde emergem. Fatores de estresse como condições salariais, condições físicas e pedagógicas, apoio técnico, perfil de clientela, expectativa de pais e comunidade, entre outros, são percebidos de forma diferenciada (Carlotto, 2011, p.407).

Outras perguntas feitas aos professores da pesquisa diz respeito se “Considera que o cotidiano de trabalho do professor de educação especial e inclusiva é estressante? Caso sim, a que você atribui esse estresse? Os professores responderam que:

-Professor 1 – Comenta que o cotidiano do professor da educação especial é estressante, diz que de tudo com professores no geral é estressante, mas que o professor que atua na educação especial para lidar com sentimentos e emoção a flor da pele todos os dias, principalmente quando o aluno é agressivo. Quando a família não segue um tratamento com terapias e medicações corretamente, ainda não existe uma lei que respalde o professor que acaba sendo agredido fisicamente pela criança menor de 12 anos. A falta de materiais e recursos e jogos onde muitas vezes o professor se sente na obrigação de custear com meios financeiros para aquisição dos mesmos, a fim de ter recursos para melhor execução do ensino e aprendizagem.

-Professor 2 – Sim, o trabalho torna-se estressante por conta dos fatos já exemplificados nesses questionários.

-Professor 3 - Relata que o cotidiano do professor é sim estressante, um dos motivos é a diversos tipos de deficiência que atendem e os problemas comportamentais dos alunos tem aumentado pós pandemia.

-Professor 4 – Sim, é estressante pois o professor não tem tempo planejar suas aulas.

-Professor 5 - Em alguns momentos considera sim o trabalho estressante, por

isso precisam de ter uma boa regulação emocional.

-Professor 6 - Qualquer tipo de trabalho se torna estressante quando não é algo que você gosta de fazer, e sim faz pelo dinheiro.

-Professor 7 - Considera o dia a dia sobrecarregado das responsabilidades, muitos papéis para preencher e falta de profissionais capacitados.

-Professor 8 - É desafiador. Tudo depende do estado emocional e preparo do professor frente ao cotidiano escolar. Eu atribuo esse estresse à sobrecarga de serviço e a pouca preocupação em fornecer subsídios necessários ao trabalho dos professores junto à diversidade. São muitos alunos para cada professor.

A rotina escolar do professor da Educação Especial na maioria das vezes é desafiadora e desgastante. É importante destacar que o trabalho com o aluno com deficiência precisa ser multidisciplinar onde os pais assegurem o acesso dessas crianças aos acompanhamentos necessários, que além da escola, tenha acesso aos médicos e as terapias que ajude o aluno no seu desenvolvimento e na regulação emocional.

Quando o aluno não detém de todo o acompanhamento e suporte necessário, muita das vezes ocorrerá quadros de desregulação, que desencadeará mais crises nesse aluno, e, contudo, sendo também um agente estressor para o professor. As questões da superlotação de alunos por cada professor também dificulta a rotina, precisamos entender que para cada aluno as especificidades suas necessidades mudam, e o professor precisa analisar, buscar conhecimento para atuar de forma assertiva, e quanto mais alunos com deficiência e menos apoio seja dos pais, escola e comunidade.

Por mais que o ambiente seja estressante alguns professores dizem que amam o que fazem e por isso tentam encontrar alternativas que auxiliem no seu estado emocional e físicos frente aos obstáculos, pois sabem como seu trabalho é importante na vida desses alunos e de suas famílias.

A atividade docente, entendida em tempos passados como uma profissão vocacional de grande satisfação pessoal e profissional tem dado lugar ao profissional de ensino excessivamente atrelado a questões tecnoburocráticas. Há uma redução da amplitude de atuação do trabalho, as tarefas de alto nível são transformadas em rotinas, há menos tempo para executar o trabalho, para atualização profissional, lazer e convívio social, bem como escassas oportunidades de trabalho criativo (Carlotto, 2011, p. 403).

Perguntados ainda sobre questões de saúde mental “Dentre as atividades realizadas pelo professor de educação especial e inclusiva, quais as que você considera que sejam mais cansativas ou que lhe cause situações de ansiedade, tensão, conflito, entre outras? Responderam:

-Professor 1 - Gera um maior estresse e maior desgaste desencadeando situações de ansiedade, quando lida com aluno agressivo que, morde, rasga as coisas que estão organizadas, quando estão com emocional abalado e desestrutura a si e aos demais na sala de aula ou na escola. Ou quando falta alguns profissionais assim sobrecarregando quem está em seu horário de trabalho e na rotina escolar.

-Professor 2 - Alguns alunos possuem algumas especificidades que exigem o mínimo de estrutura, como por exemplo os com paralisia cerebral e cadeirantes, que muitos dependem de trocas de fraldas, esses ambientes geralmente nem sequer uma maca adequada oferece.

-Professor 3 - Das atividades que contribuem para situações de ansiedade, o atendimento dos alunos que apresentam problemas comportamentais, onde não conseguem seguir regras e combinados, demoram para se organizar e iniciar as atividades planejadas e geralmente não realizam o que foi estabelecido. A falta de profissionais para atender esses alunos, como um coordenador para atender as famílias, psicólogos nas escolas para atender alunos e professores, profissionais para acompanhar os alunos ao banheiro, professores especialistas para o ensino comum.

-Professor 4 - As atividades mais cansativas são os relatórios e as perguntas complexas.

-Professor 5 - Quando o aluno necessita de regulação pois apresenta comportamento desregulado.

-Professor 6 - O maior desafio é o autista.

-Professor 7 - As atividades mais cansativas, a falta de empatia, desrespeito de profissionais, falta de compromisso da família e mobiliários de locomoção dos alunos adequados a eles.

-Professor 8 - Cansativa é repetir várias vezes a mesma atividade ao aluno e de diversas maneiras até ele apresentar uma devolutiva. (Quando a atividade exige levantar o aluno e direcionar). Tem situações que exige força.

Das atividades desempenhadas pelo professor da Educação Especial, as funções desenvolvidas exigem um maior esforço e o controle de várias situações que possam surgir. Desafios como a mobilidade do aluno com deficiência física e mental, atender em suas necessidades fisiológicas onde muitas vezes, não possui um espaço preparado para trocar fraldas e fazer a higiene corretamente, principalmente de alunos maiores.

Dessas situações em que causam muito estresse, frustração e desânimo, devido a desregulação do aluno onde apresenta várias crises comportamentais, não compreendendo as regras e comandos, em alguns casos agredindo o professor e colegas de sala com mordidas e chutes, rasgando e quebrando os materiais que foram planejados, confeccionados e organizados para serem usados na aula, causando um desgaste físico e emocional principalmente no professor. Será que estamos prontos para a inclusão?

O outro da educação foi sempre um outro que devia ser anulado, apagado. Mas as atuais reformas pedagógicas parecem já não suportar o abandono, a distância, o descontrole. E se dirigem à captura maciça do outro para que escola fique ainda mais satisfeita com a sua missão de possuí-lo, tudo dentro

de seu próprio ventre (Skliar, 2003, p.41).

Outros desafios como a falta de compromisso e empatia de outros professores e de outros membros de dentro da escola, onde faltam trabalho, assim sobrecarregando quem está à frente do atendimento e cobrindo a falta do colega profissional, também a falta de preparo ou de interesse em fazer a diferença na vida daqueles alunos, que mesmo com todas as dificuldades precisa de um olhar de empatia desse profissional e saiba da sua importância para o aluno com deficiência para o seu desenvolvimento.

Num episódio do cotidiano nos deparamos com a seguinte situação: o responsável por um aluno surdo oralizado, cursando o 6º ano, solicitou à escola que o estudante gravasse as aulas. Ao informar aos docentes sobre tal procedimento que passaria a ocorrer, um professor pergunta: Gravar para que? Ele não é surdo? – este questionamento demonstra a necessidade de pensarmos coletivamente sobre os caminhos alternativos que as pessoas utilizam para a aprendizagem, mesmo que pareçam “estranhos”. O aluno gravaria para que a mãe retomasse as aulas e estudasse com ele... (Braun; Vianna, 2011, p. 5).

Perguntados sobre “Quais os principais problemas de saúde que acometem o professor de educação especial e inclusiva?”, responderam:

- Professor 1** - Na opinião da entrevistada, os problemas de saúde que mais acometem professores da educação especial e inclusiva são várias, como LER, retenção de líquido, dores de cabeça constante, problemas na coluna por estar no computador, insônia, cansaço, sonolência, irritabilidade, depressão, ansiedade, exaustão, em alguns casos, feridas ou machucados em partes do corpo.
- Professor 2** - Geralmente o estresse excessivo e problemas que comprometem a saúde mental.
- Professor 3** - O acúmulo de atividades desenvolvidas por nós professores da educação especial tem gerado o cansaço físico e mental. Essa professora diz já ter passado por um câncer de mama e constantemente tem labirintite.
- Professor 4** - Ansiedade e depressão.
- Professor 5** - Estresse e ansiedade.
- Professor 6** - Entende por acúmulo de várias atividades que não consegue concluir, mas, porém, é adicionado pelo ser humano.
- Professor 7** - Problemas psicológicos e dores musculares.
- Professor 8** - Exaustão, problemas ortopédicos e de saúde mental.

Quando falamos sobre as patologias, que atacam os professores da Educação Especial, está em primeiro lugar as doenças psicológicas como: depressão, ansiedade, estresse ocupacional e a síndrome de Burnout, devido a auto demanda, pelo acúmulo de diversas atividades em que o professor, em muitas das vezes não conseguem concluir, gerando um

sentimento de frustração e desânimo.

Com o tempo esses sintomas podem ser fisiológicos como: dores de cabeça, cansaço, insônia, irritabilidade, dores na coluna e articulações, labirintite, LER, desenvolvimento de alguns cânceres, dentre outras doenças e sintomas. Consequência de uma rotina exaustiva e de altas exigências e expectativas.

Os resultados alcançados permitem assinalar que a situação de trabalho dos professores não é a ideal, pois estes sentem-se estressados pelo seu trabalho, com sintomatologia tanto psicológica como física. Esse cenário ressalta a necessidade de intervenção com políticas de saúde específicas para esses profissionais, visto que podem ser vulneráveis ao surgimento de patologias ocupacionais (Aliante, Abacar; Pereira, 2019, p. 179).

E por fim, os professores foram questionados “Na sua opinião como docente da educação especial, quais ações e práticas devem ser adotadas dentro da sociedade para que de fato venha acontecer a inclusão?” Obteve-se as seguintes assertivas:

-Professor 1 - Acrescentou que alunos com as seguintes deficiências: TOD, TEA, Síndrome de Down, TDAH, não estão tendo acompanhamento clínico correto, mesmo quando a família diz que o educando está medicado, mas não está surtindo o efeito esperado, isso dificulta todo processo trazendo essas consequências nos profissionais da educação especial

-Professor 2 - Uma maior conscientização por parte de redes sociais e mídias em geral, e a efetivação de uma maior acessibilidade e equidade a todos os envolvidos nesse processo.

-Professor 3 - Primeiro o respeito, conhecer o outro e oferecer oportunidades e possibilidades para que as pessoas com deficiência estejam de fato incluídas. Dentro da escola apenas a sala de recursos e professores de apoio no ensino comum não é o suficiente. Existe a necessidade de ampliar os profissionais e oferecer no horário do ensino comum tecnologias que possibilitem o aprendizado, número de alunos reduzidos nas salas de aula, meio de transporte para as pessoas com deficiência física fazer o percurso casa/escola e formação de todos da escola para incluir os alunos no processo de ensino / aprendizagem.

-Professor 4 - A inclusão não depende só do professor mas todas as pessoas que estão ao redor dessa pessoa, bem como estimular a aprendizagem de modo mais colaborativo.

-Professor 5 - A sociedade entender que os especiais fazem parte de uma sociedade e que eles têm direitos e deveres também.

-Professor 6 - Um projeto sobre conscientização do que é verdadeiramente a educação especial.

-Professor 7 - Para a aceitação precisa do estudo, a importância de respeitar o ser humano como um todo. Contribuir com ofertas de mercado de trabalho, capacitar mais profissionais, vagas para atendimentos especializados para os alunos com facilidade para os estudantes.

-Professor 8 - Esforços coletivos e individuais que visem romper preconceitos e ações coercitivas são necessários para uma melhor vivência cotidiana.

Sobre o processo de Inclusão, atualmente existem grandes problemas, onde na verdade, muito se falou sobre a inclusão e poucas são as políticas públicas que de fato promovam a inserção das pessoas com deficiência na sociedade, como ações em várias instituições públicas, começando pelo atendimento e acompanhamento médico e terapêutico.

Muitas crianças e seus pais ficam anos na lista de espera do SUS, aguardando por consultas com neuropediatras, com fonoaudiólogo e vários outros especialistas. E quando finalmente são chamados, a carga horária para as terapias é insuficiente para o seu tratamento, ou a falta de experiência e preparo dos profissionais para lidar com essas crianças.

Mediante as mídias e as fotos tudo é perfeito. Romantizar o Autismo o poder público bem sabe. Tirar fotinhos como se tudo estivesse perfeito é o foco dos poderes públicos do Estado do Amapá. Porém, a realidade das famílias neuroatípicas e a realidade das crianças com TEA como meus filhos é bem difícil. A falta de profissionais para realizar os atendimentos das terapias: ocupacional, fonoaudiólogo e psicólogo é gritante. Atendimento ABA e Psicopedagogo nem se fale. Às filas são intermináveis, seja no CREA (que atualmente ainda está atendendo a agenda de espera das Crianças de cadastros em 2020); seja no CAPSI e no CER que ainda estão em atendimento da lista de espera de 2021. No ‘Raimundo Nonato’ nem fila de espera tem ultimamente - está suspenso os cadastros. E recorrer a tratamento particular inúmeras famílias não tem condições financeiras para tal, uma vez que cuidar de uma criança com TEA requer disponibilidade da família e a renda familiar fica muito comprometida, e muitos pais (mães) nem conseguem trabalhar porque a criança requer atenção e disponibilidade total. As restrições alimentares das crianças TEA requer altos custos; fraldas, remédios específicos caros e demais despesas (Moura, 2023, p. 5).

Quando o aluno não tem o atendimento das suas necessidades, na sua integralidade, encontra-se várias dificuldades, seja em casa com os pais, na escola e na interação com a sociedade. A escola precisa do trabalho em conjunto de uma equipe interdisciplinar, que inclui o atendimento médico e terapêutico. Para que todos esses setores possam se comunicar, e fazer um diagnóstico completo e o trabalho em equipe, junto com a escola e seu planejamento diádico, sendo mais efetivo através da análise dos formulários e dos laudos, sobre o comportamento dessa criança com deficiência.

Algo que eu gostaria de relatar ainda, concito que recebi do professor nº 5, que me fez um chamado para que eu pudesse conhecer a instituição. É uma escola particular onde o atendimento é todo direcionado a adolescentes e adultos com deficiência. Ela preencheu o questionário dessa pesquisa em folha impressa, e conforme o combinado por mensagens, eu iria buscar o questionário e conhecer a escola, e poder ver como funciona a dinâmica escolar, ver de perto os professores atuando com os alunos.

Ao chegar, a professora me recepcionou já na entrada, me mostrou a secretária da escola e a sala de espera, logo passamos por um portão enorme de grades, e saímos em um pátio grande, onde já pude conhecer alguns alunos de várias idades, apresentando diversos tipos de deficiência, TEA, Deficiência Intelectual, Síndrome de Down, TDAH, Paralisia Cerebral e Baixa Visão. Alguns se aproximaram de mim e queriam me conhecer e conversar comigo, e para onde nós andássemos, eles iam conosco.

E assim a professora me mostrou a quadra, no momento de intervalo, e pude ver diversos alunos, alguns não aprovaram o contato, se afastando e se mantendo isolados, outros mais agressivos gritavam, choravam e corriam, e a grande maioria, pareceu estar curioso com a minha presença. Depois a professora me levou a porta a porta de cada sala de aula, me apresentou para os alunos, em sua maioria me receberam com entusiasmo.

Então a professora me contou um pouco sobre a organização e rotina. As salas são divididas por idade e série, alguns vão conseguir aprender e se desenvolver, dentro de suas limitações, com muita persistência e adaptação das matérias, possibilitando o aprendizado. Já outros alunos tem mais comprometimento na parte cognitiva ou outras comorbidades, sendo uma aprendizagem mais gradual e vagarosa. Há também uma sala onde ficam todos os materiais confeccionados e materiais para a confecção.

A professora ainda relatou que as meninas, já adolescentes, algumas não tem a noção do que é a menstruação e não sabem trocar o absorvente, então essa função fica, por conta das professoras que oferecem essa assistência nos cuidados. Disse que com os alunos já adultos, que são mais agressivos, precisam ser medicados, porém que acontece momentos em que o aluno agride o professor ou a professora, com mordidas, puxões de cabelo, grudam nas roupas dos professores, situação de muito estresse e medo. É possível analisar a situação de estresse e tensão onde o professor, além de ser docente, precisa ser cuidador e lidar com o inesperado a cada momento, precisa persistir e continuar sempre inovando em seu modo de trabalhar.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desejo por este tema de pesquisa surgiu ainda, na graduação em Pedagogia, e ao longo do tempo, com a crescente demanda, novos desafios no meu meio acadêmico. Muito se fala em Educação Especial e principalmente em Inclusão, porém existem barreiras e um sistema educacional, com grandes desafios. Compreender que a criança com deficiência e da responsabilidade de toda a sociedade, não somente do pais ou professores.

Reconhecer os problemas da Inclusão possibilita, criar discussões para que possamos elevar o nível de consciência de todos. Mas o trabalho em questão busca ouvir as experiências dos professores da Educação Especial e Inclusiva e compreender o cenário de desafios diários, pelos quais os docentes passam. E como isso se reflete no seu bem-estar, em sua saúde mental, emocional e física.

Para melhor entendimento, nesta pesquisa encontramos um breve resumo sobre o desenvolvimento do trabalho e a educação e questões de gênero, durante a história da humanidade. A seguir dialogar sobre as questões de trabalho docente na educação especial, as questões de doenças e transtornos psicológicos que afetam esses profissionais da educação.

Este estudo teve como objetivo analisar as narrativas dos professores da educação especial, destacando os fatores da sua rotina docentes, que agravam o sofrimento psicológico desses profissionais. Ao longo da pesquisa, ficou evidente que esses profissionais enfrentam diversos desafios, que vão desde a alta carga emocional, física e até a falta de suporte apropriado, e o reconhecimento do seu trabalho.

Os resultados indicaram que os professores da Educação Especial estão particularmente vulneráveis ao estresse ocupacional, à ansiedade e ao esgotamento profissional (Síndrome de Burnout), devido à complexidade das necessidades dos alunos que atendem e à insuficiência de recursos e apoio escolar. Essa exposição é agravada pela falta de projetos, que visem à proteção e promoção da saúde mental desses profissionais, e em particular os da Educação Especial, enfrentam uma série de demandas que descrevem as características da sociedade do cansaço. A necessidade de constante atualização profissional, o atendimento a alunos com necessidades específicas, a exigência do trabalho e a pressão por resultados, aliados à falta de recursos e apoio da instituição, criam um ambiente de trabalho estressante e desgastante.

A sociedade do cansaço é marcada pela ideia de que todos devem ser altamente produtivos, frequentemente se veem pressionados a ir além de suas capacidades físicas e emocionais, desenvolvendo uma sensação de incompetência quando não conseguem atender a

essas demandas excessivas. Isso pode resultar em estresse crônico, ansiedade e outros transtornos psicológicos.

Outro ponto importante é que a sociedade do cansaço promove a ideia de que o sucesso está diretamente ligado ao trabalho individual, o que muitas das vezes faz com que os professores se sintam culpados por não conseguirem dar conta de todas as suas responsabilidades, mesmo quando enfrentam condições difíceis na rotina escolar. Esse acontecimento pode levar ao esgotamento, agravando etc.

Estar em contato com esses profissionais, onde possam ser ouvidos em suas frustrações e dores já é o começo de uma mudança de consciência de toda sociedade, das entidades governamentais e instituições de ensino e as famílias, onde através do debate constante, encontrem estratégias de enfrentamento, que de fato serão eficazes. Para auxiliar o trabalho do professor da Educação Especial e Inclusiva, além disso, a criação de ambientes de trabalho mais acolhedores e a valorização da carreira docente são de extrema importância para a promoção do bem-estar desses docentes.

REFERÊNCIAS

- ALIANTE, Gildo; MUSSA, Abacar; PEREIRA, Angelina Mualaquia. Estresse ocupacional em professores moçambicanos da educação inclusiva. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, v. 11, n. 1, p. 162-181, 2020.
- ANJOS, H., P. dos; BRANDÃO, I. F. G. P.; SOUSA, I. L. de. Gênero, identidade e educação especial: histórias de professoras, **Revista Cocar**. Belém/Pará, Edição Especial, N.1, p. 229-247, jan-jul 2015.
- ANTUNES, R. L. C. **Adeus ao trabalho?** ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. São Paulo: Cortez, 2006.
- ARRAZ, Fernando Miranda. A síndrome de burnout em professores que atuam na educação especial: uma revisão integrativa da literatura. **Revista Educação, Artes e Inclusão**, v. 17, p. e0018-e0018, 2021.
- ASSUNÇÃO, Ada Ávila; OLIVEIRA, Dalila Andrade. Intensificação do trabalho e saúde dos professores. **Educação & Sociedade**, v. 30, p. 349-372, 2009.
- AVILA, Salonides; ZANELLA, José. **O mundo do trabalho e educação**. 2016-1018. v. 24, 2019.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação** - LDBE - Lei nº 9.394 de 202 de dezembro de 1996. Art 59. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/> Acesso em 10 de janeiro de 2024.
- BRASIL-MEC-RESOLUÇÃO, Nº. 4: **Diretrizes operacionais para o atendimento educacional especializada na educação básica, modalidade educação especial**. 2009.
- BRAUN, Patrícia; VIANNA, Márcia Marin. **Atendimento educacional especializado, sala de recursos multifuncional e plano individualizado**: desdobramentos de um fazer pedagógico. Reflexões sobre o fazer pedagógico. Seropédica, RJ-2011, 2011.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Editora José Olympio, 2018.
- CAMPOS, Regina Helena de Freitas. Helena Antipoff: razão e sensibilidade na psicologia e na educação. **Estudos avançados**, v. 17, p. 209-231, 2003.
- CARDOSO, T. V. B.; LIMA, M. I. S. de. Interseccionalizando o direito à educação: quais corpos podem habitar o conhecimento? **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, v. 4, n. 13, p. 231-248, 2021.
- CANDAU, Vera Maria. Diferença (s) e eEducação: aproximações a partir da perspectiva intercultural. **Revista Educação On-Line**, v. 1, p. 1-42, 2005.
- DE MASI, D. **O futuro do trabalho**: fadiga e ócio na sociedade pós-industrial. J. Olympio, 2003.
- DEMARTINI, Z. de B. F.; ANTUNES, F. F. Magistério primário: profissão feminina, carreira masculina. **Cadernos de Pesquisa**, n. 86, p. 5-14, 1993.
- EUGÊNIO, J; SILVA, A. S. da. “Os professores não sabiam o que fazer comigo!”: reflexões interseccionais de uma mulher negra com deficiência. **Educação em Revista**, v. 23, n. 1, p. 27-42, 2022.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. Mídia e educação: em cena, modos de existência jovem. **Educar em revista**, n 26, p. 17-38, 2005.
- FONTANA, Clarissa Peres. A evolução do trabalho: da pré-história até ao teletrabalho. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 7, n. 7, p. 1155-

1168, 2021.

FORQUIN, Jean-Claude. O currículo entre o relativismo e o universalismo. **Educação & Sociedade**, v. 21, p. 47-70, 2000.

GARCIA, Rosalba Maria Cardoso. Políticas para a educação especial e as formas organizativas do trabalho pedagógico. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 12, p. 299-316, 2006.

GIROUX, Henry A. **Os professores como intelectuais**: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. 1997.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **RAE - Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

GONÇALVES, N. **Normalista**. Compositores: Benedicto Lacerda e David Nasser. Vitale SA Indústria e Comércio. 1949.

GORZIZA, A. S. PILCHER, A. BUONO, R. **Brasil tem mais docentes mulheres do que homens**. 16 de mar. De 2021. Disponível>. <https://piaui.folha.uol.com.br/brasil-tem-mais-docentes-mulheres-do-que-homens>> Acesso em 28 de out.2022.

GUGEL, Maria Aparecida. A pessoa com deficiência e sua relação com a história da humanidade. **Florianópolis: Obra Jurídica**, 2007

GUESSER, M.; BÖCK, G. L. K.; LOPES, P. H. (orgs.). **Estudos da deficiência**: anticapacitismo e emancipação social. Curitiba: CRV editora, 2020.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Editora Vozes Limitada, 2015.

HAHNER, J. E. Escolas mistas, escolas normais: a coeducação e a feminização do magistério no século XIX. **Revista Estudos Feministas**, v. 19, p. 467-474, 2011.

INEP.MEC. **Senso da educação básica**. 2020. Brasília, 2021. Disponível em: Acesso em 28 de out. de 2022.

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira/ INEP. **Professoras são 79% da docência de educação básica no Brasil**.

Assessoria de Comunicação Social do INEP. Disponível em: [Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira | Inep](#). Acesso em 10/01/2024.

KUPPER, Agnaldo. **Sociologia**: diálogos compartilhados. Manual do professor. 1ª Edição, São Paulo, 2014.

LEMOES, Edison Ribeiro. José Álvares de Azevedo: Patrono da Educação dos Cegos no Brasil. **Revista Benjamin Constant**. Rio de Janeiro, Instituto Benjamin Constant, nº 24, abril de 2003). Apud. Disponível em:[historia-da-pestalozzi](#). Acesso em 07 de julho de 2022.

LOBATO, Vivian da Silva. **Revisitando a educação na Grécia antiga**: a paidéia. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade da Amazônia-UNAMA, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Autêntica, 2018.

MAGALHÃES, Rita de Cássia Barbosa Paiva; ALBINO, Ivone Braga. Formação docente na pós-graduação: apontamentos sobre uma experiência na área de educação especial. **Revista Educação Especial em Debate**, n. 2, p. 7-19, 2016.

MARTINS, Rosa; BATISTA, Ana Isabel; CAMPOS, Sofia. Stress e burnout em professores da educação especial. **Gestão e Desenvolvimento**, n. 23, p. 193-211, 2015.

MASLACH, Christina; JACKSON, Susan E. The measurement of experienced burnout. **Journal of organizational behavior**, v. 2, n. 2, p. 99-113, 1981.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Decreto Lei nº 6.571, de 18 de setembro de 2008. Disponível em <http://portal.mec.gov.br> Acesso em: 20 junho 2024

MONTEIRO, Carlos Henrique Medeiros et al. Pessoa com deficiência: a história do passado ao presente. **Revista Internacional de apoyo a la inclusión, logopedia, sociedad y multiculturalidad**, v. 2, n. 3, p. 221-233, 2016.

MONTEIRO, Mariana Kubilius; ALTMANN, Helena. Trajetórias na docência: professores homens na educação infantil. **REUNIÃO ANUAL DA ANPED**, v. 36, 2013.

MORENO-JIMENEZ, Bernardo et al. A avaliação do Burnout em professores. Comparação de instrumentos: CBP-R e MBI-ED. **Psicologia em estudo**, v. 7, p. 11-19, 2002.

MOURA, Silvio et al. Garantia do direito à saúde de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). **Revista Científica Multidisciplinar do CEAP**, v. 5, n. 2, 2023.

NUNES, Sylvia da Silveira; SAIA, Ana Lucia; TAVARES, Rosana Elizete. Educação inclusiva: entre a história, os preconceitos, a escola e a família. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 35, p. 1106-1119, 2015.

OLIVEIRA, Bruno Diniz Castro de et al. Políticas para o autismo no Brasil: entre a atenção psicossocial e a reabilitação¹. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 27, p. 707-726, 2017.

PRADO, Cláudia Eliza Papa do. Estresse ocupacional: causas e consequências. **Rev Bras Med Trab**, v. 14, n. 3, p. 285-289, 2016.

RODRIGUES, Sandra Regina de Moraes Cunha; SALES, Luis Carlos. Necessidades Formativas do Professor Frente à Demanda de Alunos da Educação Especial em Classes Comuns. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 30, p. e0097, 2024.

ROPOLI, Edilene Aparecida et al. **A educação especial na perspectiva da inclusão escolar**. A escola comum inclusiva. 2010.

SANTOS, Lourival Santana dos; ARAÚJO, Ruy Belém de. **A revolução industrial**. Disponível em: [A Revolução Industrial](#) Acesso em: 13 de out. de 2022.

SANTOS, Natália Gomes dos; GONÇALVES, Taísa Grasiela Gomes Liduenha; MANTOVANI, Juliana Vechetti. O público e o privado na educação especial: o caso da sociedade Pestalozzi no Brasil. **Revista Cocar**, v. 9, n. 18, p. 350-377, 2015.

SANTOS, Jorgenaldo Calazans dos; FONSECA, Flaviano. **A educação especial e seus desafios**. 21 a 23 de set. de 2011. Pg.10.

Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência. Pesquisa realizada pelo CPDOC/FGV. **História do Movimento Político das Pessoas com Deficiência no Brasil**. Disponível Youtube: <https://youtu.be/yv1dnuGgn2k> . Acesso em 01 de julho de 2022.

SED. Secretária de Estado de Educação, 06 de maio de 2022. **Mato Grosso do Sul paga o maior salário para professores entre as redes estaduais**. Disponível em: <https://www.sed.ms.gov.br/ms-paga-o-maior-salario-para-professor-entre-as-redes-estaduais-de-ensino>. Acesso em 14 de abril de 2024.

SCHAUFELI, W.; ENZMANN, D. **The burnout companion to study and practice: a critical analysis**. Londres, Taylor & Francis, 1998.

SILVA, Gabriela Antonia Corrêa da. **Estratégias de enfrentamento do estresse docente em escolas municipais**. 2017.

SILVA, Grazielle Roberta Freitas, et al. Entrevista como técnica de pesquisa qualitativa. **Online Brazilian Journal of Nursing**, v. 5, n. 2, p. 246-257, 2006.

- SILVA, Nancy Capretz Batista da; AIELLO, Ana Lúcia Rossito. Análise descritiva do pai da criança com deficiência mental. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 26, p. 493-503, 2009.
- SILVA, Ana Cristina Gualberto da et al. Síndrome de burnout como problema em evidência nas equipes de enfermagem. **Revista Brasileira Interdisciplinar de Saúde**, 2019.
- SINGER, P. **Globalização e desemprego**: diagnóstico e alternativas. Contexto, 1998.
- SKLIAR, Carlos. **Pedagogia (improvável) da diferença**: e se o outro não estivesse aí? Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- SKLIAR, Carlos Bernardo. A educação e a pergunta pelos Outros: diferença, alteridade, diversidade e os outros “outros”. **Ponto de Vista: revista de educação e processos inclusivos**, n. 5, p. 37-49, 2003.
- TRAVASSOS, Luiz Carlos Panisset. Inteligências múltiplas. **Revista de biologia e ciências da terra**, v. 1, n. 2, p. 0, 2001.
- TORRES, Josiane Pereira; MENDES, Enicéia Gonçalves. Atitudes sociais e formação inicial de professores para a educação especial. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 25, p. 765-780, 2019.
- VEIGA-NETO, Alfredo. Incluir para saber. Saber para excluir. **Pro-posições**, v. 12, n. 2-3, p. 22-31, 2001.
- VIANNA, C. P. O sexo e o gênero da docência. **Cadernos Pagu**, p. 81-103, 2002.
- VIANNA, C. P. A feminização do magistério na educação básica e os desafios para a prática e a identidade coletiva docente. In: YANNOULAS, S. C. (Org.). **Trabalhadoras**: análise da feminização das profissões e ocupações. Brasília, DF: Abaré, 2013. p. 159-180.
- WESTIN, Ricardo. Para lei escolar do Império, meninas tinham menos capacidade intelectual que meninos. **Arquivos Agência Senado**, v. 65, 2020.
- YANNOULAS, S. Feminização ou feminilização? Apontamentos em torno de uma categoria. **Temporais**, Brasília (DF), ano 11, n.22, p.271-292, jul./dez. 2011.

APÊNDICE A

QUESTIONÁRIO

DADOS ACADÊMICOS

Graduação:

Especialização: () Sim () Não. Qual:

Mestrado ou Doutorado: () Sim () Não. Qual área:

Outras especializações: () Sim () Não. Quais:

Quais as deficiências que geralmente seus alunos apresentam?

DADOS PROFISSIONAIS

Há quanto tempo atua como professor?

Há quanto tempo atua como professor da educação especial?

Em qual escola trabalha?

Quantas horas trabalha por semana? Quantos turnos?

INFORMAÇÕES SOBRE A EXPERIÊNCIA DOCENTE, E O CONTEXTO PSICOLÓGICO E ESTRESSE OCUPACIONAL.

O que o/a motivou a atuar na educação especial?

Em suas aulas, você tem a disposição materiais didáticos, espaços personalizados e preparados para receber esses alunos com deficiência, e que facilite nas dinâmicas do ensino e aprendizagem? Comente sobre isso.

Costuma fazer atualizações, como especializações, pós graduação e outras formações, para que obtenha o máximo de conhecimentos e habilidades na área da educação especial? Comente sobre isso.

Sente-se apoiado(a) e amparado(a) dentro com contexto escolar na escola em que atua? Comente sobre isso.

Sente-se apoiado (a) e amparado(a) pela família do aluno com deficiência?

Quais foram as suas maiores frustrações/dificuldades diante do desafio de lecionar para crianças com deficiência? Como lida com isso?

Para você, quais são as maiores exigências e cobranças vivenciadas na carreira docente?

Como lida com os seus sentimentos diante das necessidades e particularidade de seus alunos?

Já houve momentos em que pensou em desistir da profissão? Porquê?

Sobre a remuneração, você se considera valorizado? Porquê?

Tem dificuldades com as novas tecnologias? Cite-as?

Frequenta alguma terapia (ou utiliza outras estratégias de enfrentamento-artesanatos, atividades físicas, filmes/séries etc.).

Pretende continuar atuando com alunos da educação especial? Comente sobre isso.

Na sua visão e experiência como professor da educação especial, faça um breve relato apresentando o que precisa ser revisto e mudado e apresente algumas sugestões de ações que auxilie no processo de ensino e aprendizagem na educação especial.

O que você entende por estresse?

Você considera que o cotidiano de trabalho do professor de educação especial e inclusiva

é estressante? Caso sim, a que você atribui esse estresse?

Dentre as atividades realizadas pelo professor de educação especial e inclusiva, quais as que você considera que sejam mais cansativas ou que lhe cause situações de ansiedade, tensão, conflito, entre outras?

Quais os principais problemas de saúde que acometem o professor de educação especial e inclusiva?

Na sua opinião como docente da educação especial, quais ações e práticas devem ser adotadas dentro da sociedade para que de fato venha acontecer a inclusão?